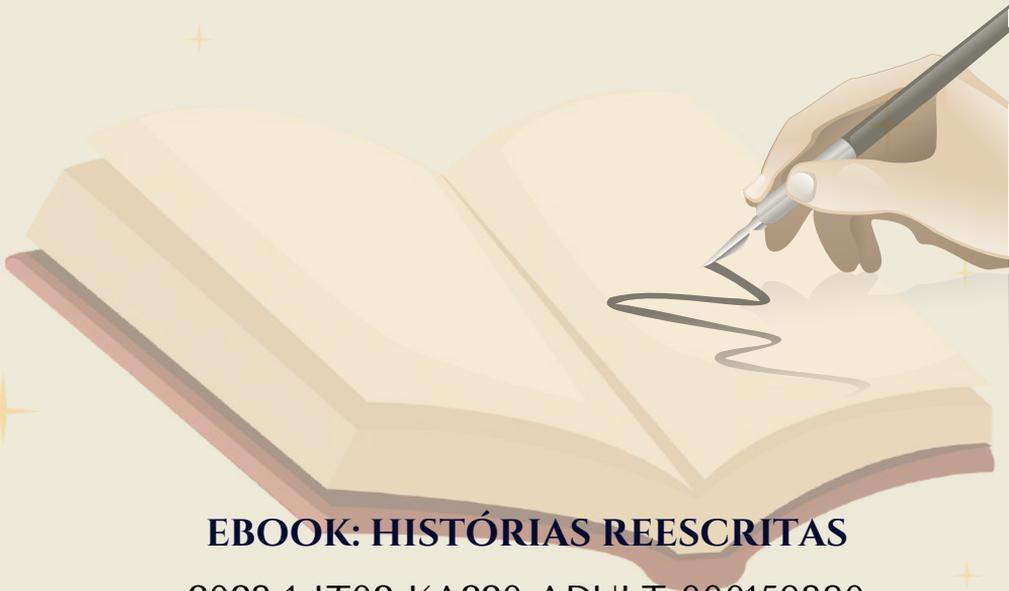




Co-funded by  
the European Union



# STORIES EMPOWERMENT



**EBOOK: HISTÓRIAS REESCRITAS**  
2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380



# INDEX

Introdução .....	6
"A Bela e o Monstro" .....	7
"A Cegonha e a Raposa - A teimosia não compensa..." .....	11
"A galinha dos ovos de ouro" .....	13
"A historia do gigante aparente" .....	17
"A lebre e a tartaruga" .....	20
"A lebre e o ouriço" .....	22
"A lenda do conto de fadas Ombu da Argentina" .....	25
"A menina do mar" .....	27
"A princesa que se transformou numa amendoeira".....	30
"A Princesa e a Ervilha - O jovem e a chave" .....	31
"A rainha e o sal" .....	33
"A raposa e as uvas" .....	35

“A raposa e a cegonha” .....	36
“A raposa e o leão” .....	39
“A rebelião de Zanj” .....	40
“A sopa de pedra - A caixa vazia” .....	43
“A Suspeita” .....	45
“A velha caixa e o belo pântano - A velha caixa e a colina encantada” .....	47
“As novas roupas do Imperador” Versão 1 .....	50
“As roupas novas do imperador” Versão 2 .....	54
“Beppo, o varredor de rua” .....	56
“Bumerangue” .....	59
“O aprendiz de feiticeiro” .....	61
“O buraco na minha carteira” .....	64
“O burro e a sua sombra” .....	66
“O capuchinho vermelho” .....	67

"O encontro" .....	70
"O espelho chinês" .....	72
"O Galo de Barcelos - Presumível inocente?" .....	74
"O homem que contou as histórias" .....	77
"O leão ingrato" .....	79
"O macaco e o camelo" .....	80
"O ouriço e a raposa" .....	82
"O pastor mentiroso" .....	85
"O patinho feio" .....	87
"O soldadinho de chumbo" .....	89
"O pescador e a sua mulher" .....	94
"O rato ganancioso" .....	98
"O rato, o pássaro e a salsicha" .....	100
"Os músicos da cidade de Bremen" .....	102

"Os Três Porquinhos - Os Três Lobos e o Porco"	106
"Pedro e o Lobo (Versão Portuguesa)"	108
"Pequenina"	113
"Reflexões da Henriqueta" - Os reflexos esquecidos	119
"Sopa de Pedra"	124
"Teto de 30% para estrangeiros e amor..."	126
"Um amigo"	129
"Um cobertor de palavras"	132
"Um conto de fadas sobre um rei alegre"	134

# *Introdução*

Apresentamos-vos, a título de exemplo, estas histórias reescritas.

Com esta coleção, queremos promover os valores que temos vindo a trabalhar neste projeto: criatividade, resolução de problemas, autoconfiança, inclusão social, resiliência, igualdade, cidadania ativa e democracia.

Reescrever histórias aumenta a nossa criatividade e reflexão, bem como a nossa aprendizagem dos diferentes valores. Estas histórias foram reescritas para nos ajudar a aprender e a aplicar estes valores na nossa vida quotidiana, uma vez que todos nós enfrentamos situações que podemos reinterpretar e, por conseguinte, reescrever. As histórias deste Ebook são apenas exemplos de como as histórias podem ser reescritas e estão organizadas por ordem alfabética para facilitar a sua localização e leitura pelo leitor.

Cada educador ou pessoa interessada neste material deve reescrever as suas próprias histórias, uma vez que, como referido no início, estas são apenas exemplos de histórias reescritas. Podem ser criadas muitas histórias diferentes a partir da mesma história.

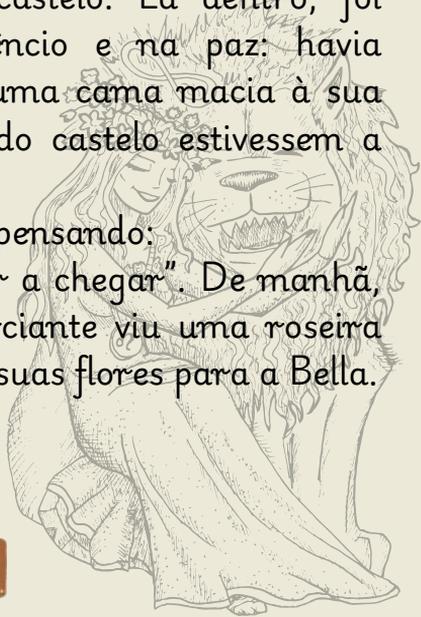
A equipa do Stories4Empowerment espera que este livro eletrónico sirva de guia para reescrever as suas próprias histórias. E desejamos-lhe a melhor das sortes!

# “A Bela e o Monstro”

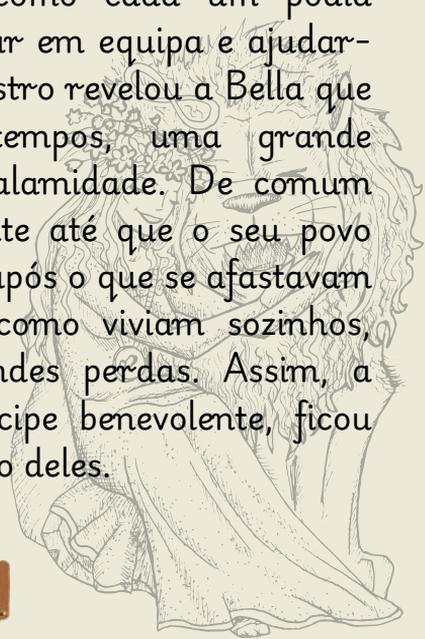
Era uma vez um comerciante que tinha perdido toda a sua fortuna. Independentemente das tribulações que teve de enfrentar, manteve-se sempre muito honesto e bondoso. Um dia, teve de fazer uma longa viagem e perguntou às suas filhas o que gostariam de receber de presente quando regressasse. As duas filhas mais velhas, habituadas ao luxo, pediram jóias e vestidos finos, sem ter em conta a situação financeira do pai. Bella, a mais nova, sempre modesta e carinhosa, disse: “Pai, só peço uma coisa: traz-me uma rosa com pétalas vermelhas”.

No caminho de regresso à sua cidade, o comerciante foi levado através de uma floresta densa. Estava escuro e ele procurava um lugar para dormir. Quando, de repente, vê um castelo majestoso e dirige-se para ele. Ao aproximar-se, a porta abriu-se sozinha e, sem ouvir qualquer resposta, entrou no castelo. Lá dentro, foi acolhido calorosamente no silêncio e na paz: havia comida deliciosa para comer e uma cama macia à sua espera. Era como se os donos do castelo estivessem a tomar conta dele”.

Jantou e deitou-se para dormir, pensando: “Os donos desta casa devem estar a chegar”. De manhã, antes de se ir embora, o comerciante viu uma roseira maravilhosa e apanhou uma das suas flores para a Bella.



Nesse momento, um Monstro enorme, assustador, mas elegantemente vestido, saltou de trás do arbusto: “Tu, que eu alimentei e acolhi em minha casa, agora roubas-me as rosas!”, rugiu o Monstro. O comerciante, envergonhado e assustado, tremeu ao pedir desculpa. O Monstro decidiu poupá-lo, mas ele tinha de prometer enviar uma das suas filhas para o castelo. O mercador aceitou a promessa e foi para casa, sentindo-se muito amargurado. Contou às suas filhas sobre o Monstro e a promessa que tinha feito, o que selou o destino do Monstro: “Isto não teria acontecido se tivesses pedido apenas uma prenda de roupa ou de jóias”, disseram elas. Sentindo-se culpada, Bella decidiu confrontar o seu pai no castelo. Quando lá chegou, o Monstro tratou-a com muita bondade, apesar da sua aparência assustadora. Ela pôde desfrutar das vastas bibliotecas do castelo e passear pelos belos jardins cheios de inspiração natural. À noite, reuniam-se e discutiam assuntos muito importantes: como cada um podia mudar o mundo, como trabalhar em equipa e ajudar-se mutuamente. Um dia, o Monstro revelou a Bella que o castelo tinha sido, em tempos, uma grande comunidade numa época de calamidade. De comum acordo, viviam harmoniosamente até que o seu povo fosse atingido pela calamidade, após o que se afastavam sempre uns dos outros; mas como viviam sozinhos, viviam com medo e com grandes perdas. Assim, a Besta, que antes era um príncipe benevolente, ficou presa no egoísmo e no isolamento deles.



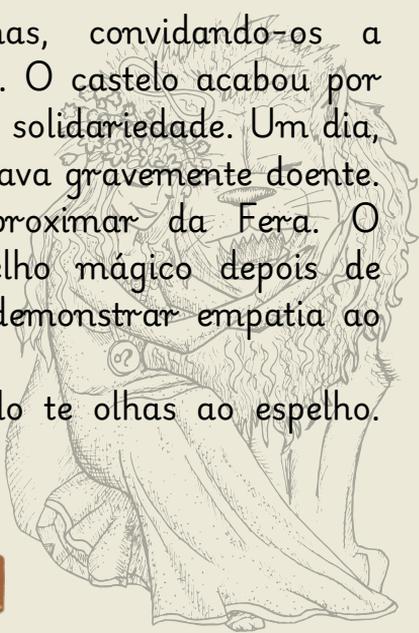
“O que é que aconteceu às pessoas? Bella perguntou. “Perderam o sentido de comunidade”, observou a Fera com pesar. “Por isso, também foram amaldiçoados. Eles perderam o interesse uns pelos outros. Tanto a terra como as pessoas estão amaldiçoadas.

Compreendendo que a situação da Fera era semelhante à de uma sociedade dividida, Bella concluiu que reparar a comunidade como um todo, em vez de se limitar a dar prioridade ao seu amor pela Fera, era a chave para acabar com a maldição.

Bella e o Monstro colaboraram para trazer de volta o espírito de comunidade do castelo. Como criaturas sobrenaturais confinadas ao castelo, ela incitou os criados a contar histórias de cooperação e generosidade. Aos poucos, uniu-os e ensinou-os a trabalhar em conjunto.

O Monstro começou a sentir compaixão pelos convidados e criados. Estendeu a hospitalidade e os cuidados aos habitantes das aldeias vizinhas, convidando-os a participar na riqueza do castelo. O castelo acabou por representar a inclusão social e a solidariedade. Um dia, Bella descobriu que o seu pai estava gravemente doente. Pediu autorização para se aproximar da Fera. O Monstro ofereceu-lhe um espelho mágico depois de reconhecer as suas emoções e demonstrar empatia ao dizer:

“Podes ver a tua família quando te olhas ao espelho. Nunca estarás sozinha”



Bella voltou para casa e, com a sua ajuda, o seu pai curou-se rapidamente. Mas esqueceu-se da Fera e do castelo, porque tinha ficado mais tempo do que tinha prometido. Uma noite, teve um pesadelo horrível em que viu o Monstro num estado muito mau. Bella correu de volta para o castelo depois de se aperceber que os seus sentimentos pela Fera se tinham tornado mais fortes.

Ao chegar ao castelo, avistou o Monstro, frágil e doente. Aproximou-se dele e disse-lhe:

“Vou ficar contigo para sempre, apesar da tua aparência.”

O Monstro transformou-se num príncipe e disse estas palavras:

“O amor verdadeiro é a única coisa que pode acabar com a maldição a que estou sujeito há tanto tempo. Mas o amor, por si só, não é suficiente. Consegui ultrapassar a minha solidão através da união, da bondade e da comunidade, da inclusão social. Quebrámos a maldição juntos.

Depois de se casarem e tomarem o poder, o príncipe e a Bella estabeleceram uma sociedade em que todos eram respeitados, independentemente da sua origem ou aparência. Começaram a construir um reino inclusivo onde aprenderam a cooperar para o bem de todos e a ajudar os necessitados. Pessoas de muitos estratos sociais vinham ao castelo para aprender sobre cidadania ativa, compaixão e inclusão social.

Como resultado, a sua história tornou-se não só uma história de amor, mas também uma história de cura comunitária, do valor da cidadania ativa e da força da inclusão social.

# *“A Cegonha e a Raposa A teimosia não compensa...”*

Não bastava suportar o frio, o vento e a falta de comida - era também Natal! A Sra. Cegonha e a Sra. Raposa, com as suas vidas longas, poucos amigos e nenhuma família, viviam isoladas do mundo. Teimosas e mal-humoradas, passavam todas as vésperas de Natal sozinhas...

Mas este ano seria diferente.

A Sra. Fox convidou a Sra. Stork para jantar na véspera de Natal e a Sra. Stork convidou a Sra. Fox para almoçar no dia de Natal. No entanto, a ideia não foi delas... Foi uma espécie de desafio lançado pela Sra. Coruja, uma alma velha e sábia. Cansada de ver os seus amigos sozinhos por pura teimosia, partilhou um pequeno conselho durante uma reunião na floresta: ninguém deve ficar sozinho na véspera ou no dia de Natal. Para além disso, deviam preparar uma refeição maravilhosa para o seu vizinho!

E assim, os dois velhos rabugentos caíram na armadilha. Os problemas começaram na noite da ceia, quando a Sra. Cegonha decidiu servir a refeição em jarros de porcelana fina com gargalos estreitos, alegando que era a sua melhor loiça e que se adequava perfeitamente à noite festiva. Claro que a Sra. Raposa não conseguiu comer nada, pois o seu focinho não lhe permitia alcançar a comida dentro dos frascos.

No dia seguinte, ao almoço, a Sra. Raposa - que já tinha preparado o seu plano - não perdeu a oportunidade de uma pequena vingança.

Estavam no meio desta rivalidade tola quando a Sra. Coruja chegou com um delicioso saco com as melhores iguarias da floresta, embrulhadas num papel bobo.

Os três saborearam a inesperada guloseima e logo se aperceberam do ridículo que tinham feito, deixando que as suas diferenças físicas ditassem as suas acções. Na verdade, havia muito mais coisas que os uniam do que os separavam. Como a Sra. Coruja sabiamente observou: "Não é o embrulho que importa, mas o conteúdo - e a amizade!"

# “A galinha dos ovos de ouro”

Era uma vez um homem que tinha três filhos. O mais novo chamava-se Bobo e toda a gente o desprezava e gozava com ele.

Um dia, o filho mais velho quis ir para a floresta cortar lenha. Antes de partir, a mãe deu-lhe uma bela tarte e uma garrafa de vinho para que não tivesse fome nem sede. Quando chegou à floresta, encontrou um velho homem cinzento. O homenzinho, depois de lhe desejar bom dia, disse-lhe: “Dá-me um pedaço da tua tarte e deixa-me beber um gole do teu vinho, pois tenho muita fome e sede!

Mas o filho esperto respondeu-lhe: “Se eu te der a minha tarte e o meu vinho, então não me restará nada. Por isso, vai andando e não me demores”. Assim, deixou o homenzinho e seguiu em frente. Quando encontrou uma árvore adequada para lenha, começou a cortá-la, mas não teve tempo para continuar por muito tempo. Depois de ter dado apenas alguns golpes na árvore, o machado falhou e acertou na sua própria mão. Por isso, foi obrigado a regressar a casa para fazer um penso na ferida. Mas, na realidade, o ferimento foi causado pelo pequeno homem cinzento.

Depois de o primeiro filho ter regressado a casa sem madeira e ferido, o segundo filho partiu para a floresta. A mãe também lhe deu uma tarte e uma garrafa de vinho. Quando chegou à floresta, encontrou o mesmo homenzinho cinzento que lhe pediu uma fatia de tarte e um gole de vinho.

Mas o segundo filho também recusou, dizendo: "Se I te der de comer e de beber, isso vai-me faltar, por isso segue o teu caminho e não me faças perder tempo!" Assim, deixou o pequeno homem e continuou em direção à floresta. O castigo também não tardou a chegar para ele. Depois de alguns golpes de machado numa árvore, o machado soltou-se e atingiu-o na perna, pelo que foi para casa.

Então o filho mais novo, o bobo, diz: "Pai, deixa-me ir cortar lenha".

"Os teus irmãos magoaram-se quando foram", respondeu o pai, 'não importa, tu não sabes dessas coisas'.

Mas o Bobo persistiu e implorou ao pai até que este lhe respondeu: "Vai, com os danos que sofrerás, mas no máximo ficarás mais esperto".

A mãe deu-lhe uma tarte que tinha feito com cinzas e água e uma garrafa de cerveja que já tinha azedado.

Quando chegou à floresta, encontrou também o pequeno homem cinzento que o cumprimentou e disse: "Dá-me um pedaço da tua tarte e um gole da tua garrafa, tenho muita fome e sede!"

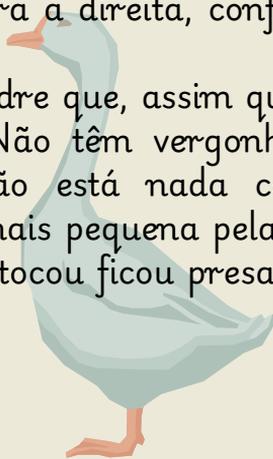
O bobo então respondeu: "Tudo o que tenho é tarte de cinzas e cerveja azeda, se estás satisfeito com isso, então vamos sentar-nos e comer". O homenzinho aceitou, mas quando se sentaram e o bobo tirou a tarte de cinzas, esta tinha-se transformado numa grande tarte de ovos e a cerveja azeda tinha-se transformado num bom vinho.

Então sentaram-se e, depois de comerem e beberem, o homenzinho disse: "Porque tens um bom coração e partilhas o que te pertence, vou dar-te sorte. Em frente a nós há uma árvore velha, corta-a e nas suas raízes encontrarás algo". Com estas palavras, o homenzinho despediu-se e partiu.

Quando o bobo foi cortar a árvore, encontrou nas suas raízes um ganso que tinha asas de ouro puro. Tirou o ganso, levou-o consigo e foi para uma estalagem passar a noite. O dono da estalagem tinha três filhas que ficaram muito intrigadas com aquela estranha ave. Mas, por curiosidade, as filhas quiseram roubar uma das penas de ouro do ganso. A mais velha pensou: “Haverá uma oportunidade para lhe tirar uma asa!” e quando o bobo saiu, agarrou na asa da gansa, mas os seus dedos ficaram agarrados a ela. Passado algum tempo, chegou a segunda, que também queria tirar alguma coisa da gansa. Mas assim que tocou na sua irmã, ela agarrou-se a ela. Quando a terceira irmã também chegou, as outras duas começaram a gritar-lhe: “Sai daqui, por amor de Deus, sai!” No entanto, a terceira não entendia por que razão devia sair e correu em direção ao ganso. Mas assim que tocou na irmã do meio, ela também ficou presa. Assim, as três passaram a noite juntas com o ganso.

Na manhã seguinte, o Bobo pegou no ganso nos braços e pôs-se a caminho, sem prestar atenção às raparigas que se agarravam a ele. As raparigas correram atrás dele, uma para a esquerda e outra para a direita, conforme conseguiam andar sem cair.

No caminho, encontraram um padre que, assim que viu o seu percurso, ficou furioso: “Não têm vergonha de correr atrás do jovem, isso não está nada certo!” Terminando a frase, agarrou a mais pequena pela mão para a puxar, mas assim que lhe tocou ficou presa e ele foi obrigado a correr atrás deles.



Passado algum tempo, cruzaram-se com o comissário da igreja que viu o padre a correr atrás das três raparigas. Ficou espantado com a visão e gritou: “Onde é que vai tão depressa, papá? Não te esqueças que hoje temos um batismo!” Correu para ele e puxou-o pela manga, mas ele também ficou preso.

Assim, enquanto os cinco seguiam a galinha dos ovos de ouro, encontraram dois camponeses que vinham dos seus campos com forquilhas aos ombros. O padre gritou-lhes para que o soltassem a ele e ao comissário. Mas assim que tocaram no comissário, também ficaram presos e agora eram sete a correr atrás do bobo e do ganso.

Finalmente, chegaram todos juntos a uma cidade. Nessa cidade havia um rei cuja filha era tão séria que ninguém a conseguia fazer rir. A jovem princesa, quando os viu todos juntos, desatou a rir.

O rei ficou muito feliz por ter finalmente encontrado alguém que conseguia fazer a sua filha feliz e sorrir. O bobo pediu a aprovação do rei para se casar com a princesa. O rei ficou encantado e organizou uma grande festa de casamento para o jovem casal. Como prémio para o bobo, ofereceu aos convidados uma adega de vinho, uma montanha de pão e um navio que podia viajar em terra e no mar. O bobo herdou o reino e viveu feliz com a sua mulher durante muitos anos.



## “A história do gigante aparente”

Jim Button e Luke, o maquinista, embarcaram numa longa viagem e acabaram por se encontrar num deserto. De repente, Jim avistou algo ao longe. “Ali!”, sussurrou. Luke virou-se. O que ele viu ultrapassou tudo o que alguma vez tinha visto.

No horizonte estava um gigante de tamanho tão grande que até as montanhas altas ao seu lado pareciam pequenas colinas. “Oh!” Jim ofegou. “Isso não é uma miragem, não é uma fata..., fata...! Rápido, vamos embora, Luke! Talvez ele ainda não nos tenha visto!”

Também Lucas se sentiu desconfortável, mas em vez de se deixar dominar pelo medo, sugeriu que respirassem fundo. Os dois decidiram enfrentar a situação, independentemente do que os esperava.

“Vamos manter-nos calmos”, disse Lucas. Ele observa o gigante com atenção. “Acho que, para além do seu tamanho, o gigante parece bastante amigável. “O quê? Jim gaguejou horrorizado. “Bem,” respondeu Luke, “só porque ele é grande não quer dizer que seja um monstro, certo? Já enfrentámos muitos desafios antes, Jim. Podemos lidar com este também.” A sua voz era firme, cheia de confiança na força que partilhavam.

Enquanto continuavam a observar o gigante, sentiam o medo a crescer. Mas lembraram-se das muitas situações difíceis que já tinham ultrapassado.

O gigante esticou a mão com ânsia, mas deixou-a cair sem esperança, e um suspiro profundo levantou-lhe o peito. De repente, o gigante ergueu as duas mãos, juntou-as, caiu de joelhos e gritou com uma voz fina e triste: "Por favor, por favor, estranhos, não fujam! Eu não vos vou fazer mal!"

Jim observou horrorizado enquanto Luke tirava educadamente o seu boné e acenava com o seu lenço. Agora é que o desastre ia mesmo acontecer! O gigante levantou-se lentamente. Parecia incerto e confuso. Ele perguntou, "Isso significa que eu posso aproximar-me?" "Sim, de facto!" gritou Lucas. Ele sabia que o maior perigo era muitas vezes o próprio medo, e por isso pôs de lado a sua própria incerteza e caminhou em direção ao gigante, acenando resolutamente. Jim estava paralisado de medo, a sua visão estava a ficar turva. De qualquer modo, não podia deixar o seu amigo Luke enfrentar um tal perigo sozinho, por isso correu atrás de Luke, apesar de os seus joelhos estarem a tremer.

Quando o gigante viu o homem e o rapazinho a acenar-lhe, o seu rosto triste iluminou-se. "Ah, amigos!" gritou ele com a sua voz fina, "então vou já!" Começou a mover-se, caminhando em direção a Lucas e Jim.

O que aconteceu a seguir foi bastante surpreendente. A cada passo que o gigante dava, ficava um pouco mais pequeno. Quando estava a cerca de cem metros de distância, não parecia mais alto do que uma alta torre de igreja. Jim franziu a testa. "Isso é estranho, Luke. Ele está a ficar mais pequeno. Luke acenou com a cabeça, pensativo. "Parece que este gigante é apenas um gigante aparente. Talvez as coisas nem sempre sejam como parecem à primeira vista."

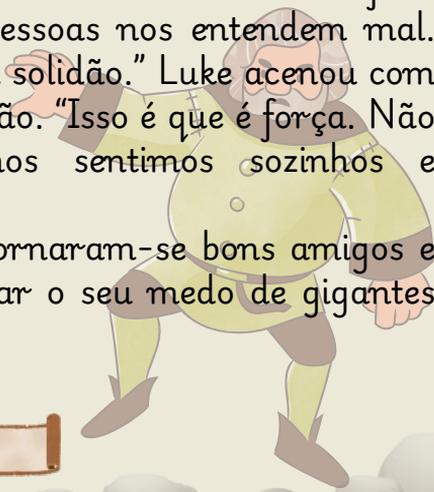
Depois de mais cinquenta metros, já não era mais alto do que uma casa e, quando chegou junto dos dois amigos, tinha a mesma altura de Lucas, o Maquinista - na verdade, era até uma cabeça mais baixo!

Bom dia, eu sou o Sr. Tur Tur e sou um gigante aparente. Quanto mais longe estou, maior pareço. E quanto mais me aproximo, mais se pode ver o meu verdadeiro tamanho. Na realidade, não sou diferente de ti." "Quer dizer," perguntou Luke, "que não ficas mais pequeno à medida que te aproximas? E não és assim tão grande quando estás longe, é só o que parece?" "Exatamente", disse o Sr. Tur Tur, 'é por isso que sou um gigante aparente'. "Estás a ver, Jim," disse Luke, "era exatamente isso que eu queria dizer sobre o medo."

Jim acenou com a cabeça e, nesse momento, apercebeu-se da importância de enfrentar os desafios com coragem e coração aberto.

O Sr. Tur Tur falou-lhes da sua vida na solidão. "A maioria das pessoas tem medo de mim", disse ele com tristeza. "Elas fogem antes mesmo de terem a oportunidade de me conhecer." Jim olhou para o aparente gigante com simpatia. "Isso deve ser difícil para si", disse ele. "Sim", respondeu o Sr. Tur Tur. "Não é fácil viver num mundo onde as pessoas nos entendem mal. Mas eu aprendi a lidar com a solidão." Luke acenou com a cabeça em sinal de admiração. "Isso é que é força. Não desistir, mesmo quando nos sentimos sozinhos e incompreendidos."

Jim, Luke e o Sr. Tur Tur tornaram-se bons amigos e ajudaram outros a ultrapassar o seu medo de gigantes aparentes.



## “A lebre e a tartaruga”

Era uma vez uma lebre muito vaidosa que, com a sua velocidade, conseguia chegar a todo o lado. A lebre passava o dia inteiro a gabar-se da sua velocidade aos seus vizinhos da floresta. Um dos habitantes da floresta, a tartaruga, cansada da lebre vaidosa, desafiou-a para uma corrida. O livre, rindo alto, disse

- Que engraçado que és, tartaruga, achas mesmo que me podes vencer? Sem dúvida, és o animal mais lento de toda a floresta.

- Não me subestimes, lebre”, disse a tartaruga calmamente, “a minha firmeza e determinação são muito poderosas contra a tua bravata.

Todos os animais da floresta, rindo da subestimação da tartaruga, vieram assistir à corrida.

O urso gritou:

- Preparar, preparar, partir!

E assim começou a corrida. Como era de esperar, em poucos segundos a lebre já estava bem à frente da tartaruga, que avançava lentamente mas com uma determinação férrea.

- Como é lenta e desajeitada esta tartaruga, como pode imaginar que me pode vencer - disse a lebre livre para si própria - vou dormir uma sesta debaixo daquela sombra e ainda ganho.

A tartaruga não parou por um momento. O seu ritmo lento e constante aproximava-a cada vez mais do objetivo. Ela sabia que o seu esforço constante iria compensar. Quando a lebre acordou, agitada, apercebeu-se de que a tartaruga estava prestes a cruzar a meta e que, por mais que corresse, não a conseguia alcançar.

A tartaruga cruzou a linha de chegada e foi aplaudida por todos os animais da floresta, ensinando à lebre uma grande lição: podia não ser a mais rápida, mas era a mais consistente e resistente.



## “A lebre e o ouriço”

Numa manhã de domingo, no outono, um ouriço andava a passear por um campo cheio de nabos quando encontrou uma lebre. O ouriço cumprimentou-a educadamente, mas a lebre era muito arrogante e gozou com as pernas curtas do ouriço.

O ouriço, no entanto, não gostou das piadas sobre as suas pernas e desafiou a lebre para uma corrida. Fizeram uma aposta: quem chegasse primeiro à meta ganhava um banquete. A lebre queria começar imediatamente, mas o ouriço insistiu em tomar primeiro o pequeno-almoço em casa e combinaram encontrar-se de novo dentro de meia hora.

Em casa, o ouriço contou à sua mulher a aposta com a lebre e pediu-lhe que o acompanhasse. A Sra. Ouriço pensou que o marido tinha perdido o juízo por ter aceitado correr com a lebre, mas seguiu-o.

No caminho, o ouriço explicou-lhe o seu plano para ganhar com a ajuda dela. Enquanto ele começava a corrida com a lebre, a Sra. Ouriço esperava na meta. Quando a lebre se aproximava da meta, ela gritava: “Já cá estou”.

Assim, a Sra. Ouriço tomou o seu lugar na meta enquanto o marido ia ao encontro da lebre.

Uma grande multidão já se tinha reunido para ver como a corrida se iria desenrolar. Fizeram-se apostas e prepararam-se muitos posts para o Animal.Média.

A lebre contou até três e saiu a correr o mais depressa que pôde. O ouriço, no entanto, deu apenas três passos antes de se esconder num sulco do campo. Quando a lebre chegou à meta, correndo a toda a velocidade, a Sra. Ouriço gritou como planeado: "Já estou aqui!"

A lebre não reconheceu o truque porque a Sra. Ouriço era exatamente igual ao seu marido. Em vez disso, estava zangado com a sua derrota e exigiu uma desforra. Como um turbilhão, correu de volta ao ponto de partida. Mas quando chegou, desta vez o próprio ouriço gritou: "Já cá estou".

Voltaram a correr e, mais uma vez, aconteceu a mesma coisa. E mais uma vez, a lebre frustrada exigiu uma nova corrida.

Isto aconteceu 10 vezes. Cada vez que a lebre chegava à meta, a Sra. Ouriço gritava: "Já cá estou!" E quando voltava à partida, o ouriço gritava: "Já cá estou!".

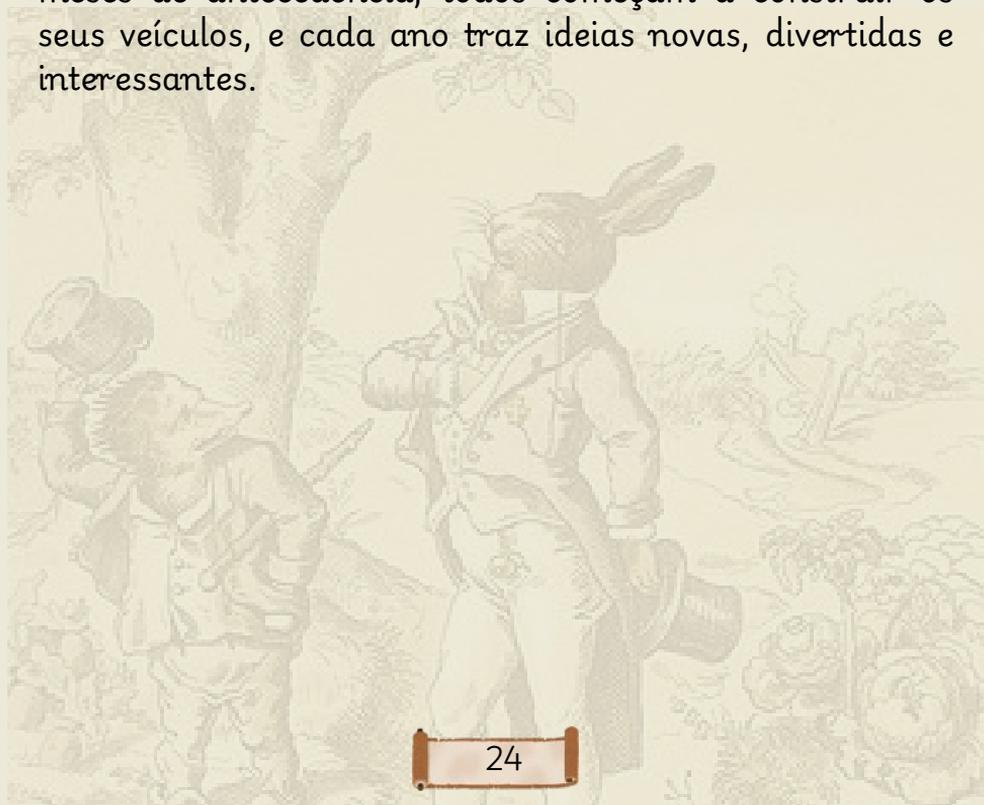
A multidão, composta por todos os animais dos campos e dos bosques, assistia a tudo. Alguns começaram a perceber o truque do ouriço e exigiram uma explicação. Cinco coelhos bloquearam a meta e convocaram uma reunião de animais!

A coruja presidiu à reunião. Os corvos, que tinham estado a observar a corrida, deram o seu testemunho. A lebre ficou indignada com o facto de o ouriço a ter enganado.

Então a Sra. Ouriço deu um passo em frente e disse: "Sim, foi um truque manhoso. Mas o meu marido ficou chateado porque a lebre gozou com as suas pernas curtas. Isso feriu-lhe o orgulho e ele queria mostrar à lebre que se pode ganhar, mesmo com pernas curtas".

A coruja falou: "É injusto se fizermos concursos em que o vencedor é sempre aquele que tem as melhores vantagens naturais, como pernas longas. A partir de agora, vamos fazer uma corrida anual com veículos feitos em casa. Todos podem participar. Os veículos terão rodas e serão construídos por equipas. O vencedor será decidido não só pela velocidade, mas também pela criatividade e pelo divertimento. E depois, vamos todos celebrar juntos com um grande banquete".

Desde então, a corrida anual tem-se realizado. Com meses de antecedência, todos começam a construir os seus veículos, e cada ano traz ideias novas, divertidas e interessantes.



# *“A lenda do conto de fadas Ombu da Argentina”*

Na Argentina Central, os membros de uma tribo indígena dependiam do milho para a sua alimentação. Mas nesse ano veio uma seca terrível e as chuvas falharam. A cultura do milho, tão importante para a sobrevivência da tribo, começou a definhando e a morrer. Os anciãos da tribo reuniram-se em desespero, incapazes de encontrar uma solução. Mas entre os jovens da tribo havia uma rapariga corajosa chamada Inka. Ela sempre cuidou do milho e não se deixou levar pelo desespero. Em vez de esperar por um milagre, disse-lhes que deviam construir uma série de pequenos canais para levar a água do rio vizinho para os campos de milho. Como isto era algo em que os anciãos nunca tinham pensado, estavam cépticos.

No entanto, decidiram experimentar o seu plano. Trabalhando arduamente em conjunto com o seu próprio povo, Inka começou a canalizar a água para os canais. PASSO a PASSO, as plantas de milho começaram a crescer fortes e saudáveis de novo. A tribo ficou maravilhada com a forma como conseguiram dar a volta à situação através da cooperação e da resolução de problemas.

Quando a tribo regressou, o milho estava a florescer e Inka estava orgulhosa entre a sua colheita. Devido à sua determinação e sabedoria, o povo decidiu assinalar o local onde a solução foi encontrada com algo especial: uma árvore Ombu, uma árvore majestosa, estava agora ali, um símbolo de que o pensamento criativo, o trabalho de equipa e o empenho podem resolver até as situações mais difíceis. A partir de então, a árvore Ombu recordaria à tribo que, quando em apuros, é a capacidade de reunir e pensar fora da caixa que tem o potencial de fornecer soluções, mesmo nas situações mais difíceis.

## “A Menina do Mar”

Numa pequena cidade costeira, onde as casas pareciam estar sempre junto ao mar, vivia Marta, uma rapariga de 16 anos, cheia de curiosidade pelo mundo, mas também com um certo sentimento de isolamento. Marta adorava a praia, onde passava horas a observar as ondas e a apanhar conchas. Sentia-se em casa, mas, ao mesmo tempo, algo parecia faltar na sua vida.

Um dia, depois de uma violenta tempestade, Marta encontrou algo estranho na areia: um pedaço de plástico envolto em algas marinhas. Enquanto o segurava, ouviu um movimento na água. Era uma rapariga, mais ou menos da sua idade, com olhos tão claros como o mar. A rapariga chamava por ela, mas a sua voz parecia vir das próprias ondas.

Ajuda-me”, pede a rapariga, e Marta chama imediatamente Marina. A minha casa está a desaparecer.

Marta estava confusa: “O que queres dizer com isso? Onde é que vives?”

Marina apontou para o mar. Aqui. Mas o lixo, os barcos e a poluição estão a destruir tudo. Se não fizerem alguma coisa, não vou poder ficar cá.

Intrigada e um pouco assustada, Marta levou Marina para casa. Durante dias, a sua nova amiga mostrou-lhe coisas em que nunca tinha reparado: sacos de plástico entalados entre as rochas, redes abandonadas a sufocar os peixes, garrafas a flutuar nas ondas. Marta começou a ver a praia - e o mar - com outros olhos.

Marina disse-lhe que o mar estava a morrer e que ela precisava de ajuda. Marta sabia que não podia ignorar o facto. Não bastava apenas recolher o lixo; tinha de fazer mais. Começou por criar um grupo na escola para limpar a praia. Falou com os pescadores locais sobre alternativas às redes descartáveis. Organizou campanhas de sensibilização nas redes sociais e até convenceu a Câmara Municipal a colocar contentores de reciclagem na aldeia.

A cada dia que passava, Marta sentia-se mais forte e mais capaz. Às pessoas começaram a ouvi-la. A cidade, que antes parecia indiferente, começou a mudar. As crianças juntam-se à limpeza das praias. Os veraneantes trouxeram menos plástico. Os pescadores começaram a adotar práticas mais sustentáveis.

Marina, por sua vez, parecia cada vez mais feliz. As suas visitas tornaram-se menos frequentes, mas sempre que Marta olhava para o horizonte, sentia que ela estava lá, sorridente e agradecida.

Um dia, Marina apareceu pela última vez. Obrigado, Marta. Não só por mim, mas por tudo o que fizeste. O mar está a começar a respirar de novo e tu ensinaste a tua comunidade a cuidar dele”.

Marta sentiu-se emocionada, mas também determinada. Sabia que o trabalho ainda não estava terminado, mas já não estava sozinha. A sua aldeia acreditava agora no poder de mudar. E graças a Marina, Marta descobriu que ser um cidadão ativo é muito mais do que ver os problemas - é ser parte da solução.



## *“A princesa que se transformou numa amendoeira”*

Era uma vez uma princesa chamada Phyllis que se apaixonou por um jovem de Atenas, Demophon, que era filho do herói Teseu. Os dois jovens conheceram-se quando o navio do jovem Demofonte regressava de Troia. Casaram-se mas, passado algum tempo, o jovem ateniense adoeceu porque tinha saudades da sua cidade natal. A princesa enamorada, incapaz de o ver triste, deixou-o regressar acreditando que se ele a amasse realmente voltaria e seria então verdadeiramente seu.

Assim aconteceu e a enamorada Phyllis ficou sozinha à espera do seu escolhido. Demofonte ficou na sua cidade natal durante algum tempo, mas o seu pensamento estava na sua adorável princesa. Um dia, decidiu plantar uma amendoeira no seu jardim e prometeu aos deuses do Olimpo que, quando ela florescesse, ele estaria com a sua mulher. E assim fez. Voltou para encontrar a sua mulher e agradecer-lhe a sua devoção e o respeito que ela demonstrou pelas suas necessidades. Propôs-lhe que fossem juntos visitar a sua terra natal. Ela ficou tão feliz com o regresso do seu amado marido e, sem pensar duas vezes, seguiu-o até à sua cidade natal. Quando chegaram a Atenas, a amendoeira floresceu. O jovem casal viveu feliz e plantou muitas amendoeiras para se lembrar de que o respeito e o reconhecimento das necessidades das pessoas é um princípio que nunca se deve esquecer.



# “A Princesa e a Ervilha”

## O jovem e a chave

Tendo perdido a esperança de encontrar alguém com quem passar a vida e constituir família, a jovem Gabriela, cansada de viajar por todos os reinos, decidiu regressar a casa. O seu pai, feliz por a rever após meses de ausência, apercebeu-se imediatamente da tristeza e da desilusão nos seus olhos. Ele consolou-a o melhor que pôde, assegurando-lhe que o amor aparece muitas vezes onde menos esperamos - não nos jovens que ela tinha procurado incansavelmente em todos os cantos do mundo.

Num dia de sol, enquanto Gabriela estava no jardim a ler, completamente absorvida pela história que se desenrolava, um jovem passou por ela, com um ar um pouco perdido, e chamou-a:

- Desculpe... Boa tarde... Pode ajudar-me? Estou à procura da casa do Sr. Martins. Quando era criança vivia aqui perto e gostava muito de o voltar a ver...”

A casa que ele procurava era a casa dela! Mas quem era este desconhecido? Gabriela não ia dar a morada do seu pai tão facilmente.

“Preciso de saber quem és antes de te dar qualquer informação...”



“Se eu pudesse entrar e explicar... Viajei muito e... estou cansado e... com fome”, admite ele, corado.

Gabriela concordou e conversaram até ao anoitecer. Descobriram que tinham crescido juntos até aos seis anos de idade e que partilhavam gostos e manias semelhantes. Mas será que era mesmo verdade? Será que este jovem era de facto Gabriel, o filho dos caseiros que tinham vivido ali?

O seu pai tinha saído para caçar e só voltaria na manhã seguinte... Então Gabriela teve uma ideia.

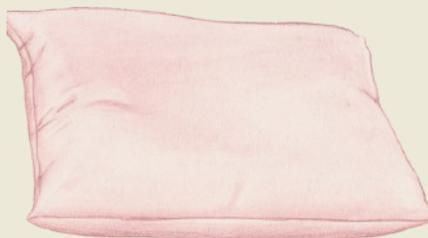
Nessa noite, já tarde, Gabriela preparou o quarto de hóspedes e ofereceu-o ao jovem (in)conhecido. Debaixo da almofada, coloca uma chave. Se Gabriel fosse quem dizia ser, saberia o que a chave abria.

Na manhã seguinte, Gabriela encontra um baú na cozinha. Uma arca velha, cheia de tesouros de infância - inestimáveis para uma criança de seis anos, mas que não passavam de lixo para os adultos.

“Assim que vi a chave, lembrei-me do nosso baú secreto... escondido no celeiro...”.

Gabriela estava radiante - tinha encontrado o amor da sua vida!

Viveram felizes para sempre na mesma casa onde se tinham conhecido em criança, com a chave orgulhosamente exposta numa moldura por cima da lareira da sala de estar.



## “A rainha e o sal”

Era uma vez um grande rei que tinha três filhos e amava-os muito. Um dia, decidiu ver se eles também gostavam muito dele. Por isso, chamou cada um deles e perguntou-lhe o quanto o amava. “Amo-te tanto como amo o ouro e as jóias”, disse o primeiro filho, e o rei ficou muito contente.

“Amo-te tanto como amo o dinheiro”, disse o segundo filho, e mais uma vez o rei ficou muito contente.

“Amo-te tanto como amo o sal”, disse o terceiro filho. O rei ficou então muito zangado e quis expulsar o terceiro filho do palácio.

Todos os irmãos queriam a unidade e o amor na sua família e decidiram mostrar ao pai que o sal também é tão importante como o dinheiro e o ouro. Assim, no dia seguinte, prepararam três refeições diferentes, uma de cada filho, e convidaram o pai a prová-las e a escolher a melhor refeição. A mesa tinha todo o tipo de comida, mas a comida que os dois irmãos prepararam não tinha sal. Quando todos se sentaram à mesa, disseram ao pai para provar as refeições que tinham preparado. O pai pegou no garfo e começou a comer da refeição que o primeiro filho tinha preparado. Mas, nas primeiras garfadas, queixou-se de que a comida não tinha sal. Depois provou a refeição que o segundo filho tinha preparado. Também não tinha sal e deixou de comer. O primeiro filho disse: “Pai, porque é que estás tão triste por não poderes comer a tua comida sem sal?”



O velho rei provou a terceira refeição e ficou maravilhado com o sabor delicioso que ela tinha. Nessa altura, apercebeu-se do seu erro e abraçou todos os seus filhos.

Por vezes, as palavras são utilizadas de uma forma que não mostra o significado e a importância das emoções. Nesta história, o amor foi comparado ao sal. Um valor tão importante que foi considerado pelo pai como um meio insignificante para o comparar com o sal

Mas quando a rainha (pai) se apercebeu da importância do sal no paladar, também se apercebeu da importância e do valor do amor que o seu filho estava a tentar exprimir.



## “A raposa e as uvas”

Era uma vez uma raposa esfomeada que andava pelos campos à procura de comida. A certa altura, viu uns cachos de uvas grandes e apetitosos pendurados numa árvore. Decidiu que aquelas uvas seriam a sua próxima refeição. No entanto, por mais que saltasse, não conseguia alcançá-las.

A raposa começou então a pensar: “E agora? Vou procurar comida noutro campo ou espero que passe alguém que me possa ajudar?” Mas, já cansada de tanto esforço e ao ver que não aparecia ninguém, decidiu seguir caminho e procurar comida noutro lugar. Afinal, tinha tentado várias vezes apanhar as uvas, mas sem sucesso. Teve de desistir.

“Talvez”, pensou, “isto tenha acontecido porque ainda sou jovem. Quando for maior, talvez consiga saltar mais alto...”. No fundo, sabia bem que não era a primeira vez que falhava, nem seria a última. Tinha consciência de que desistir, por si só, não resolveria nada.

Apesar do quanto desejava aquelas uvas, a sua experiência e instinto diziam-lhe que era preciso encontrar outra coisa para comer — e que, por muito bonitas que fossem, desistir das uvas era a decisão mais sensata naquele momento. “Ali à frente há uma aldeia”, pensou. “Vou ver se encontro qualquer coisa à porta de uma loja.”



# “A raposa e a cegonha”

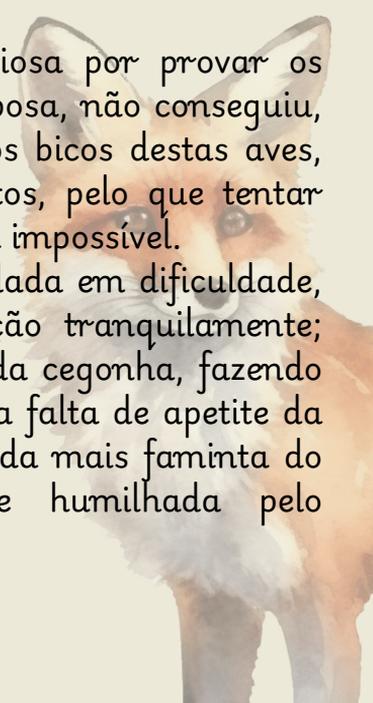
Os nossos antepassados contam-nos que, numa era distante, quando os animais ainda possuíam o dom da fala e não se envergonhavam de ser vistos pelos humanos, uma raposa quis organizar um jantar na sua casa e convidou a sua amiga, a cegonha.

As raposas são conhecidas por serem animais astutos por natureza e, frequentemente, conseguem sair de apuros graças à sua esperteza. Poucas pessoas sabem, contudo, que este animal de belo pelo avermelhado pode também ser traquinas e um pouco mal-humorado.

Todos esperaríamos que a raposa preparasse um delicioso jantar para a sua convidada e, acima de tudo, que tivesse em conta os gostos da cegonha. Em vez disso, limitou-se a preparar uma papa, que foi servida à mesa numa simples travessa, sem sequer uma fatia de pão para acompanhar o prato principal, nem uma bebida para se refrescar.

A cegonha, embora faminta e ansiosa por provar os talentos culinários da sua amiga raposa, não conseguiu, de modo algum, saborear a sopa; os bicos destas aves, como é sabido, são longos e estreitos, pelo que tentar provar o caldo revelou-se uma tarefa impossível.

A astuta raposa, vendo a sua convidada em dificuldade, simplesmente terminou a sua porção tranquilamente; depois, devorou, com gula, o prato da cegonha, fazendo comentários irónicos sobre a suposta falta de apetite da pobre ave, que voltou para casa ainda mais faminta do que antes e muito magoada e humilhada pelo comportamento da sua amiga.



Depois de refletir durante alguns dias sobre o que tinha acontecido, a cegonha decidiu convidar a sua amiga raposa para jantar. Antes da ocasião, esforçou-se ao máximo para lhe proporcionar a refeição mais calorosa possível e evitar que a raposa se sentisse desconfortável.

Consultou os seus amigos para descobrir que comida a raposa gostava e aconselharam-na a preparar um ensopado de frango com um acompanhamento de batatas assadas.

No dia do jantar, a raposa chegou a casa da sua amiga e encontrou a mesa posta com todo o tipo de iguarias: o prato principal estava ao centro, servido numa bela travessa de prata, emanando um aroma agradável de comida bem confeccionada.

Surpreendida com aquela refeição, a raposa disse à anfitriã:

— Trabalhaste imenso para preparar um jantar assim!

Perante o seu espanto, a cegonha respondeu:

— Vês, minha querida amiga, fiquei tão magoada com a forma como me recebeste em tua casa que fiz tudo o que pude para que não tivesses de passar pela mesma dor que eu senti. ✨ ✨

Ao perceber o quanto profundamente o seu comportamento tinha ferido a sua amiga cegonha, a raposa pediu desculpa e prometeu prestar mais atenção aos sentimentos e necessidades dos outros.

Quantas vezes o nosso egoísmo nos impede de ver os outros e as suas necessidades, correndo o risco de os magoar e prejudicar por descuido. A fábula ensina-nos: não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti.



## “A raposa e o leão”

Uma manhã, um leão, enquanto rugia e bocejava (tinha acabado de acordar bem disposto), viu uma raposa que vinha na sua direção e, assim que reparou nele, fugiu. O leão ficou espantado, perguntando-se porque é que ela tinha fugido: talvez um dos seus rugidos a tivesse assustado? Bem, eu não fiz nada”, pensou para si próprio. De qualquer modo, a raposa tinha fugido e ele já não podia perguntar-lhe. Esperava encontrá-la de novo, porque estava arrependido da sua reação, mas percebeu que a raposa tinha apenas seguido os seus instintos perante o medo.

Passados alguns dias, o leão encontrou a raposa à sua frente, a tremer como uma folha. Porque é que estás a tremer como uma folha?



## “A rebelião de Zanj”

Em 869 d.C., numa época em que prevalecia a escravatura, o povo Zanj, representando os escravos da África Oriental e, por isso, designado pelo termo árabe Zanj, foi um dos que se insurgiram contra a autoridade oficial do califado abássida. Inspirados por ideais elevados de justiça e igualdade, cruzam-se com um revolucionário árabe, Ali bin Muhammad, que lhes transmite não só o desejo geral de serem livres, mas também ideias sobre a decisão pessoal e o voto na autoridade governamental. Em vez de realizarem incursões militares clandestinas em terras de comunidades estabelecidas, ataques a palácios árabes ou emboscadas abismais, os rebeldes começaram gradualmente a envolver-se ativamente com as localidades e a planear as suas actividades com a aprovação de todas as partes envolvidas. Escolheram os seus próprios órgãos representativos, nos quais todos os escravos, todos os beduínos e todos os servos tinham direito de voto; eram verdadeiros membros da assembleia.

Com o tempo, a revolta transformou-se numa campanha de grande envergadura, atingindo cidades e povoações inteiras, muito povoadas por habitantes resistentes

Na confiança de o fazer, apoderaram-se de provisões e libertaram escravos, criando as suas próprias novas estruturas sociais baseadas na soberania popular. Em vez das tradicionais campanhas militares, procuraram criar comunidades democráticas fortes, baseadas na entreatajuda e no papel de todos, incluindo os escravos. Assumindo que o número de combatentes excedia os 500.000, criaram o seu próprio parlamento, onde todos apresentavam os seus interesses e propostas. Este novo regime resistiu ao califado abássida e também augurou um futuro ainda mais risonho onde ninguém perde a sua voz. Para o efeito, criaram cidades autónomas e formaram um exército para lutar pelos princípios da democracia, da igualdade e da justiça.

Em vez de recorrerem à violência para suprimir a dissidência, os rebeldes encetaram negociações pacíficas com o Califado Abássida. Anunciaram a sua disponibilidade para a paz com base em parâmetros de igualdade e cooperação, o que significa que qualquer pessoa deveria ter o direito de participar na governação. Ofereceram-se para estabelecer um sistema de governação em que os seus direitos como povo e os de todos os residentes seriam parte integrante. Esta proposta chocou os dirigentes do Califado.

No entanto, após longas negociações, em vez de pôr fim à rebelião com o exército abássida, chegou-se a um acordo histórico. O Califado concordou em permitir que os Zanj e os seus aliados representassem a autoridade no governo das regiões que controlavam. Muitos dos adultos zanj obtiveram permissão para servir nos governos locais e nos comandos do exército. Tornaram-se cidadãos de pleno direito e a sua luta pela igualdade tornou-se uma espécie de exemplo de como a democracia pode substituir a opressão.

Apesar de, no final da última batalha, Ali bin Muhammad ter sido morto, o legado do seu pensamento perdurou através das novas instituições democráticas criadas pelos rebeldes. Estas mudanças constituíram a base de um novo quadro político em que o poder era do povo e todos tinham o direito de participar na governação.

# “A sopa de pedra”

## A caixa vazia

Aquela tarde estava particularmente cinzenta e o Zé, redator de um grande grupo editorial, estava completamente bloqueado.

Em frente ao computador, olha para o relógio e sente o tempo a passar. Faltavam três horas para entregar ao chefe o manuscrito de seis páginas para a sua secção na edição de sábado.

Olhou em volta e viu os colegas a escreverem furiosamente. Pensou em pedir-lhes ajuda e aproximou-se gentilmente de cada um deles.

Nada! Ninguém lhe presta atenção nem lhe dá importância. Apesar de ser um dos principais redactores da revista de sábado.

Foi então que o Zé teve uma ideia brilhante. Pegou numa caixa de cartão vazia com uma tampa, abriu-a e aproximou-se novamente dos colegas, dizendo

- “Aqui estão as minhas melhores ideias para a publicação de sábado. Se escreverem uma ideia, uma frase, um pequeno texto e o colocarem dentro desta caixa, eu incluo-o e publico-o também.”

As pessoas, curiosas por saber como é que o Zé ia fazer tal proeza e juntar as suas ideias às frases de toda a gente, fizeram o que ele disse. Ao fim de pouco tempo e de algumas voltas pelas editoras, o Zé tinha uma caixa cheia de frases e ideias para o seu texto.

Conseguiu publicá-la a tempo.  
A revista desse sábado foi a mais vendida do trimestre!



## “A Suspeita”

Era uma vez um lenhador que descobriu, dia após dia, que o seu machado estava a ser usado por outra pessoa. Nas primeiras semanas aparecia com uma lâmina mais gasta e o punho estava cada vez mais marcado com uma mão no cabo que não era a sua. Tudo isto o deixava cada vez mais desconfiado. Um dia, descobriu que o seu machado tinha desaparecido. Com lágrimas nos olhos e um nó no estômago, encontrou o vizinho perto de sua casa. O vizinho, sempre educado, cumprimentou-o com um sorriso simpático antes de entrar em sua casa.

O lenhador, muito triste com a perda da sua ferramenta de trabalho, ficou desconfiado. Ele próprio se interrogou: será que o meu vizinho foi o responsável pelo roubo do seu machado? Cada encontro, ou seja, cada gesto, cada palavra do seu vizinho aumentava as expectativas do lenhador de que tinha encontrado o culpado. No entanto, ao continuar a pensar, apercebe-se de que os seus passos o levaram de volta à floresta onde tinha estado a trabalhar na noite anterior. Não conseguia explicar toda a situação, mas a sua intuição conduzia-o até lá.

De repente, tropeçou e caiu no chão. Nesse momento, quando olhou para cima, lá estava ele: o seu machado. O lenhador regressou a casa com a ferramenta na mão, sentindo o peso do arrependimento pelas suas suspeitas infundadas.

Não há explicação para o que acaba de acontecer. Quando voltou a ver o vizinho, apercebeu-se de que a sua expressão, o seu andar e a sua maneira de falar eram os mesmos de sempre. A sua malícia tinha-lhe pregado uma partida suja e, nesta situação “estranha”, teve de encontrar um culpado.

Arrependido, reflectiu e pediu desculpa ao vizinho por ter desconfiado dele. Depois deste episódio, tornaram-se amigos e continuaram a viver juntos, apoiando-se e aprendendo um com o outro.

“*A velha caixa e a bela charneca*”  
*A Caixa Velha e a Colina  
Encantada*

Num pequeno vale, rodeado de colinas verdes, vivia Tomás, um rapaz de 15 anos. Adorava explorar o mundo que o rodeava, mas ultimamente sentia-se desanimado. A escola parecia difícil, os amigos estavam ocupados e em casa tudo era rotina.

Um dia, enquanto caminhava por uma vereda junto ao monte mais alto da região, tropeçou em algo duro, meio enterrado no chão. Era uma velha caixa de madeira, gasta pelo tempo, com estranhos desenhos gravados na tampa. Curioso, Tomás levou-a para casa. Quando a abriu, encontrou lá dentro uma folha de papel dobrada. Quando a desdobrou, viu que era um mapa! Estava desenhado um percurso que atravessava todo o vale e que terminava no cimo do monte. Ao lado do mapa, uma mensagem dizia

Segue o caminho e descobre o teu próprio desafio”.

Tomás sente o coração a acelerar. Era este o tipo de aventura que ele precisava.

No dia seguinte, munido de uma mochila e do mapa, pôs-se a caminho. Mas depressa se apercebeu que a viagem não seria fácil.

O primeiro desafio surgiu num pequeno riacho que tinha de atravessar. A ponte estava partida. Durante alguns minutos, sentiu-se frustrado e pensou em regressar a casa. Mas depois lembrou-se que tinha visto grandes pedras mais atrás. Voltou atrás, levou-as para o ribeiro e construiu uma travessia improvisada. Sentiu uma enorme satisfação quando conseguiu atravessar.

Mais à frente, o caminho tornou-se confuso. As marcações no mapa já não coincidiam com o trilho à sua frente. Sentou-se, respirou fundo e analisou o terreno. Observa as árvores, o sol e o fluxo do vento. Pouco a pouco, consegue encontrar o caminho certo. O mapa ensina-o a pensar por si próprio.

O percurso continua com mais desafios. Subir encostas íngremes, evitar pequenos deslizamentos de terra e, finalmente, enfrentar o seu medo das alturas ao subir a parte final da colina. Cada obstáculo parecia maior do que o anterior, mas o Tomás resolveu-os um a um, com paciência e criatividade.

Quando finalmente chegou ao topo, ficou deslumbrado. A vista era magnífica - conseguia ver todo o vale, as casas, os campos e o horizonte ao longe. Mas no topo havia algo mais: outra mensagem, gravada numa pedra. "Os problemas são apenas desafios disfarçados. A forma como os resolves define quem és. Continua a desafiar-te."

Tomás sentiu um orgulho imenso. Apercebeu-se de que a viagem não era sobre o destino, mas sobre as lições que tinha aprendido pelo caminho. Regressou a casa diferente - mais confiante, mais consciente e preparado para enfrentar os problemas da vida com uma nova perspetiva.





# “A Roupas Nova do Imperador”

## Versão 1

Era uma vez um imperador que gostava tanto de moda que gastava todo o seu dinheiro só para se vestir com elegância. Não se preocupava com os seus soldados nem com o teatro, a não ser para exibir as suas roupas novas: tinha um fato para cada hora do dia. Na grande cidade que era a capital do seu reino, todos os dias chegavam forasteiros, e uma vez chegaram também dois vigaristas: disseram que eram dois Diziam que eram dois tecelões e que sabiam tecer o tecido mais incrível que alguma vez se viu. Não só os desenhos e as cores das roupas eram maravilhosos, como as roupas feitas com esse tecido tinham um poder curioso: tornavam-se invisíveis aos olhos dos homens que eram muito estúpidos. Essas roupas seriam maravilhosas”, pensou o imperador. Com elas vestidas, eu poderia reconhecer os tolos que trabalham no meu império, e poderia distinguir os estúpidos dos espertos! Tenho de ter esse tecido imediatamente! E pagou aos dois vigaristas, para que começassem a trabalhar. Os dois montaram dois teares e fingiram que iam começar a trabalhar. Pediram a seda mais fina e o ouro mais brilhante, meteram-nos nos sacos e continuaram assim, com os teares vazios, até altas horas da noite.

O imperador estava impaciente por ver como o trabalho estava a progredir e pensou: "Vou enviar aos tecelões o meu velho e fiel ministro. Ninguém pode ver melhor do que ele o aspeto do tecido, porque é inteligente e ninguém está mais à altura da tarefa".

Então, esse velho ministro de confiança foi à sala onde os dois tecelões estavam a tecer nos teares vazios. Meu Deus!", pensou, abrindo bem os olhos, "não vejo absolutamente nada! Mas não o disse em voz alta. Os dois tecelões pediram-lhe que se aproximasse, perguntaram-lhe se o desenho e as cores eram do seu agrado, apontando sempre para o tear vazio: o pobre ministro continuava a fazer muitos olhares, mas sem conseguir ver nada, também porque não havia nada.

No entanto, o ministro, sendo um homem sensato, desconfiou dos dois vigaristas e decidiu fazer-lhes algumas perguntas sobre as outras cidades que tinham visitado e os outros reis a quem tinham vendido as suas roupas, mas as suas respostas não foram nada convincentes. Creio, senhores, que estão a enganar o imperador! Não vejo nada, apesar de ser um homem digno, e não respondeis às minhas perguntas com convicção: Vou revelar o vosso engano ao imperador!

Tens provas ministeriais do que dizes? Não será que não és um homem tão inteligente como pensas que és? - insinuaram os dois homens. Tem cuidado com o que dizes ao imperador, pois não queremos que ele pense que já não estás à altura da tua tarefa, uma vez que, como homem inteligente, deves ser capaz de ver os nossos tecidos mágicos. Perante estas palavras, o ministro ficou assustado e, receando ser destituído do seu cargo, informou o imperador de que os trabalhos estavam a avançar e que os tecidos tinham cores bonitas e brilhantes. Passado algum tempo, o imperador enviou outro oficial para ver como estavam a decorrer os trabalhos. Mas aconteceu-lhe o mesmo que ao antigo ministro. No entanto, tomado pelas mesmas dúvidas, decidiu também mentir perante os vigaristas. A princípio, com receio de ser tomado por parvo, tentou fazer-lhe algumas perguntas, mas acabou por decidir expor as suas dúvidas ao outro homem: ambos se aperceberam de que os dois tecelões eram efetivamente vigaristas e decidiram contar tudo ao imperador, que certamente acreditaria neles, dada a confiança que depositava em ambos.

Depois de ouvir a sua experiência, o imperador decidiu pôr à prova os dois vigaristas para confirmar as dúvidas dos seus fiéis funcionários. Sem contar ao seu filho, que era apenas uma criança, sobre os poderes mágicos das roupas, levou-o consigo aos dois alfaiates vigaristas.



Quando estes começaram a exaltar a beleza dos tecidos, as cores deslumbrantes e os bordados requintados que viam nas roupas que estavam a tecer, o filho exclamou: "Pai, o que é que estes homens dizem? Os seus teares estão vazios! O imperador apercebeu-se, então, que tinha sido enganado e que, devido à sua vaidade, se tinha arriscado a desperdiçar as riquezas do seu reino em proveito do seu próprio egoísmo. Mandou prender os dois vigaristas e deu uma recompensa aos dois funcionários que não tinham sido fiéis e que lhe tinham revelado a verdade. A partir desse dia, o imperador tornou-se um governante muito mais atento às necessidades do seu povo do que às suas próprias.



# “A Roupa Nova do Imperador”

## Versão 2

Numa cidade moderna, havia um líder que adorava ser admirado. Considerava-se a pessoa mais inteligente e inovadora do mundo. Quase ninguém se atrevia a desafiá-lo. Muitos tinham demasiado medo de parecerem parvos ou de perderem os seus cargos.

Um dia, chegaram à cidade dois consultores. Diziam-se especialistas em democracia e inovação. Prometeram ao líder um projeto único: uma política tão avançada que só pessoas verdadeiramente inteligentes a poderiam compreender. Segundo eles, era perfeita - mas invisível para quem não fosse capaz de apreciar o seu valor.

O chefe ficou entusiasmado e contratou-os imediatamente. Os dois fecharam-se num escritório e “trabalharam” durante dias. Mostraram gráficos vazios e usaram palavras pomposas sem dizer nada de verdadeiro. Os conselheiros, demasiado assustados para admitir que não percebiam, fingiam-se impressionados. “Isto é fantástico!”, diziam alguns. “Que ideia brilhante!”, concordavam outros.

Chegou o grande dia. O líder subiu ao palco, cheio de orgulho. Começou a falar de transparência, participação e democracia. Sorriu, gesticulou e falou com confiança. Mas ninguém na multidão conseguia perceber o que ele estava a dizer.

Mesmo assim, ninguém se atrevia a admiti-lo. Afinal de contas, se não compreendiam, a culpa era certamente deles, não era?

Então, uma jovem mulher levantou a mão. A sua voz cortou o silêncio:

“Desculpe, mas... não estou a perceber. Pode explicar de novo? Onde estão os resultados? Como é que isto nos ajuda?”

A multidão ficou em silêncio. Lentamente, as pessoas começaram a olhar umas para as outras. “Eu também não percebo”, diz alguém. “Eu também não!”, acrescenta outro. E, de repente, todos começaram a falar ao mesmo tempo. A jovem tinha dito o que todos pensavam mas tinham demasiado medo de dizer.

O líder ficou paralisado. A sua cara ficou vermelha quando se apercebeu que tinha sido enganado. Ninguém compreendia realmente o projeto. Entretanto, os consultores afastaram-se silenciosamente, deixando-o a enfrentar a multidão.

“Peço desculpa”, disse ele, claramente embaraçado. “Deixei-me levar pelo meu orgulho e pelo medo de fazer figura de parvo. Mas aprendi a minha lição. De agora em diante, quero ouvir-vos. Vou trabalhar consigo, de forma clara e honesta. Prometo.”

A partir desse dia, tudo mudou. A cidade tornou-se um verdadeiro exemplo de democracia. As vozes das pessoas eram ouvidas e elas participavam nas decisões. E nunca mais ninguém teve medo de fazer perguntas ou de dizer a verdade.

## “Beppo, o varredor de rua”

O nome do velhote era Beppo, o varredor de rua. Na realidade, provavelmente tinha um nome diferente, mas como era varredor de rua de profissão e toda a gente o tratava assim, ele também se tratava por esse nome.

Beppo, o varredor de rua, vivia perto do anfiteatro numa cabana que ele próprio tinha construído com tijolos, ferro ondulado e feltro. Era invulgarmente pequeno e andava sempre um pouco curvado. A sua cabeça grande, coroada por um pequeno tufo de cabelo branco em pé, estava sempre ligeiramente inclinada e usava um pequeno par de óculos empoleirados no nariz.

Algumas pessoas pensavam que Beppo, o varredor de rua, não tinha a cabeça bem feita. Isto porque só sorria gentilmente quando lhe faziam uma pergunta e não respondia de imediato. Ele pensava. E se não achasse necessária uma resposta, ficava calado. Mas quando achava que era necessária uma resposta, ponderava-a cuidadosamente. Por vezes, demorava duas horas, e ocasionalmente até um dia inteiro, antes de responder.

Só o seu amigo Momo conseguia esperar tanto tempo e perceber o que ele queria dizer. Ela sabia que ele demorava tanto tempo porque nunca queria dizer nada que não fosse verdade.

Beppo, o varredor de rua, gostava do seu trabalho e fazia-o com afinco. Ele sabia que era um trabalho muito necessário.

Quando varria as ruas, fazia-o lentamente mas com firmeza: a cada passo, uma respiração, e a cada respiração, um varrer da vassoura.

PASSO - respiração - varrer. PASSO - respiração - varrer.

Pelo meio, por vezes, parava um pouco, olhando pensativamente para a frente. Depois continuava: passo - respiração - varrimento.

À medida que avançava, com a rua suja à sua frente e a rua limpa atrás de si, vinham-lhe frequentemente grandes pensamentos. Mas eram pensamentos sem palavras, pensamentos tão difíceis de exprimir como um certo perfume de que mal nos lembramos ou como uma cor com que sonhámos. Depois do seu trabalho, quando se sentava com o Momo, explicava-lhe esses grandes pensamentos. E porque ela ouvia com a sua maneira especial, a sua língua soltava-se e ele encontrava as palavras certas.

"Sabes, Momo", disse-lhe ele um dia, "é assim: Às vezes temos uma rua muito longa à nossa frente. Pensamos que é tão terrivelmente longa que nunca a vamos conseguir acabar".

Ele olhou para a frente em silêncio durante algum tempo, depois continuou: "É então comesas a apressar-te. E apressas-te cada vez mais. Cada vez que olhas para cima, vês que ainda falta muito. E esforças-te ainda mais, comesas a ter medo e, no fim, ficas sem fôlego e não consegues continuar. E a rua ainda está à tua frente. Não é assim que se deve fazer."

Ele pensa um pouco. Depois volta a falar: "Nunca deves pensar na rua toda ao mesmo tempo, percebes? Só deves pensar no próximo passo, na próxima respiração, no próximo varrer da vassoura. E sempre só no próximo".

Mais uma vez, fez uma pausa antes de acrescentar: “Então traz alegria; isso é importante. Então, fazem bem o vosso trabalho. E é assim que deve ser”.

E depois de mais uma longa pausa, continuou: “De repente, apercebemo-nos que, passo a passo, varremos a rua toda. Nem se apercebeu como, e não ficou sem fôlego”. Acena com a cabeça para si próprio e conclui: “Isso é importante”.

Momo partilhou os conselhos de Beppo com os seus amigos e, pouco a pouco, outras pessoas começaram a dedicar algum tempo a ouvir a sabedoria de Beppo. Cada vez mais pessoas vinham ao anfiteatro para apreciar a calma e a lentidão de Beppo e para usar os seus conselhos sobre estar presente no momento. Houve até quem sugerisse a ideia de eleger Beppo como presidente da câmara, mas ele recusou educadamente. Em vez disso, todas as noites, sentava-se com o Momo e com todos aqueles que procuravam a paz. Por vezes, depois de se sentarem em silêncio durante algum tempo, ele partilhava os pensamentos que tinha tido durante o seu trabalho, e as pessoas começaram a chamá-los os “pensamentos do dia”.



## "Bumerangue"

De repente, certo dia, o senhor Remo começou a odiar o seu cão. Ele não era um homem mau. Mas algo dentro dele se quebrou quando ficou viúvo. Perdera a esposa e ficara apenas com o cão, um botolo gorducho, negro, de orelhas pontiagudas e ar salgado. Chamava-se Bum, ou Bumerangue, porque trazia de volta tudo o que lhe atiravam, com prontidão e persistência.

O senhor Remo e Bum tinham, em tempos, feito longos passeios juntos e conversado sobre o mundo humano e canino, sobre Descartes e Rin Tin Tin. Havia um grande entendimento entre os dois. Mas agora já não falavam um com o outro. O senhor Remo sentava-se numa poltrona a olhar para o vazio, enquanto Bum se encolhia aos seus pés, fitando-o com um afeto sem limites. Era precisamente esse olhar de devoção absoluta e confiança total que o senhor Remo mais detestava.

O mundo não era mais do que perda, solidão e dor. Que sentido fazia aquela criatura incongruente, que abanava a cauda e uivava de alegria, enchendo uma casa desolada com o seu amor peludo e transbordante, neste planeta horrível?

— Bum, desculpa. Já não posso cuidar de ti. Na verdade, embora não possas compreender isso, eu odeio-te. Vou levar-te para um lugar onde estarás melhor e onde te tratarão bem.

No dia seguinte, o senhor Remo colocou Bum no carro e levou-o para um canil na cidade, onde o cão foi recebido com alegria, tanto pelos funcionários como pelos outros cães. Ao sair do canil, Remo sentiu uma sensação de libertação e leveza ao pensar que, finalmente, já não teria de conviver com Bum. Ao mesmo tempo, sentiu-se um pouco aliviado da culpa, pois viu que o cão estaria muito melhor ali do que com ele.

À medida que os dias passaram, Remo começou a cuidar de si novamente, retomando hábitos que tinha abandonado desde a morte da esposa: voltar ao bar com os amigos para jogar às cartas, cozinhar com esmero, ler o jornal ao pequeno-almoço. Ao reassumir o controlo da sua vida, conseguiu, pouco a pouco, processar o luto pela morte da mulher, deixando que a raiva e o sofrimento se dissipassem.

No entanto, com o passar dos meses, Remo apercebeu-se de que algo lhe faltava: chegar a casa e sentir o vazio deixado pela ausência de Bum tornava-se mais doloroso a cada dia.

Decidiu então regressar ao canil para tentar recuperar o seu amigo de quatro patas, na esperança de que Bum o perdoasse pelo abandono. Ao voltar ao canil, dirigiu-se à jaula onde o cão estava. Bum parecia desconfiado do seu antigo dono, que fez de tudo para recuperar a sua confiança. Finalmente, Bum começou a abanar a cauda e permitiu que Remo o acariciasse, mostrando-lhe a imensa força do perdão.

A partir desse dia, Remo e Bum voltaram a ser amigos inseparáveis, tal como antes.

## “O aprendiz de feiticeiro”

Finalmente, chegou o momento! Otto esfrega as mãos e corre para trás e para a frente, entusiasmado. É a primeira vez que o aprendiz de feiticeiro está sozinho em casa. Hoje vou experimentar o feitiço da semana passada! Começa já a murmurar magias.

O gato ao seu lado faz um barulho horrível quando uma vassoura se levanta lentamente do canto e sai a marchar. Pega em dois baldes e corre determinado para o rio. Otto segue-o e bate palmas alegremente: “Está a funcionar! Está a funcionar! A vassoura enche os baldes de água e volta a marchar para a escola de magia. Contente, o rapaz observa a vassoura a ir buscar balde após balde de água.

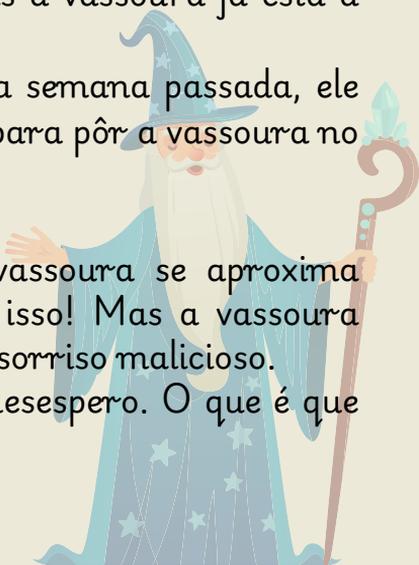
De repente, apercebe-se de que a banheira já devia estar cheia. Dá um salto e sai a correr. 'Pára, pára!', grita ele atrás da vassoura. 'Já chega!' Mas a vassoura já está a voltar para o rio.

O Otto está a ficar com calor. Na semana passada, ele também tinha aprendido o ditado para pôr a vassoura no canto.

Mas não se consegue lembrar!

Já chega!”, grita ele quando a vassoura se aproxima novamente. Já chega! Pára com isso! Mas a vassoura apenas olha para o rapaz com um sorriso malicioso.

O Otto cai no chão de pedra em desespero. O que é que ele deve fazer agora?



Ele não quer desistir. Se não com magia, então com inteligência! Corre para o barracão e remexe nas ferramentas, na esperança de encontrar a ideia certa. Passado algum tempo, Otto desiste.

Quando regressa a casa, o rapaz pisa uma poça que já passou da banheira para o jardim da frente. É nessa altura que ele tem a ideia. É isso mesmo! O rapaz pega rapidamente numa pá e começa a cavar. Cava e trabalha sem parar, até que acaba por ficar feliz em frente a uma construção.

Nesse momento, a vassoura traquina passa novamente pela banheira e, pouco depois, a construção inunda-se. Que chatice”, pensa o Otto. Não vai funcionar sem o feitiço. Ele respira fundo e pega no telefone.

Lena? Fiz uma confusão. E depois tive uma boa ideia, mas não funcionou e agora estou tão nervoso porque a casa está toda debaixo de água - e o patrão está quase a chegar - e eu não consigo pensar no feitiço!

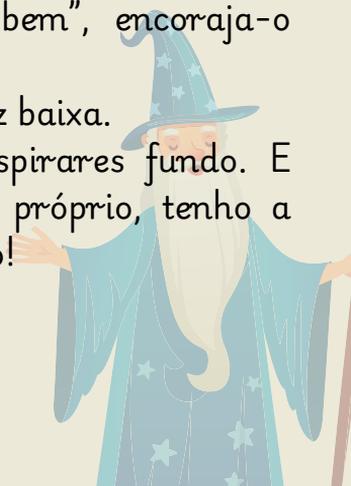
Do outro lado, o Otto ouve a voz familiar do seu amigo: “Se bem te percebi, Otto, aprendeste o feitiço na semana passada. Não foi?

Sim, é verdade”, diz Otto em voz baixa.

Então vais lembrar-te se pensares bem”, encoraja-o Lena.

Mas eu já tentei”, responde Otto em voz baixa.

Cuidado. Se te sentares agora e respirares fundo. E fechar os olhos. E acreditares em ti próprio, tenho a certeza que te vais lembrar desse feitiço!



Achas mesmo que sim? Otto pergunta timidamente, mas já está decidido a tentar. Desligam e ele procura um canto acolhedor onde se possa concentrar. Enquanto está ali sentado em silêncio, a respirar e a pensar, o chão continua a inundar-se lentamente.

Passado pouco tempo, levanta-se: É isso mesmo! O Otto começa imediatamente a resmungar de novo e a vassoura fica imediatamente sem vida no canto de onde veio - como se nada tivesse acontecido.

'Agora seca o chão depressa! O Otto ordena a si próprio, aliviado, e começa a limpar a água com uma esponja. Nesse momento, a porta da frente abre-se e o patrão entra. O aprendiz de feiticeiro ajoelha-se ao lado do balde e olha para ela com incerteza.

Vejo que tens andado a praticar a tua magia?", pergunta ela numa voz que Otto não consegue reconhecer. Estará zangada? E continua: Tens-te saído muito bem, Otto. A prática leva à perfeição".

Não está zangada, patroa?

'Oh não!', acena ela. 'Afim, construístes aquele útil sistema de irrigação para o jardim da frente! E limpou a casa toda! Quem poderia ficar zangado com isso?" sorri a feiticeira. O rapaz chora de alívio. Apressa-se a secar o chão e depois explica com entusiasmo a sua construção à patroa. A partir de agora, a água do banho usada corre sempre diretamente para o jardim da escola de magia para regar as flores e não demora muito até que haja uma construção semelhante em todos os jardins da vizinhança.



## *“Curaco na minha carteira”*

No mês passado, recebi uma mensagem do meu banco: “Alguém acedeu à sua conta. Clique aqui para verificar”. Cliquei, introduzi os meus dados de acesso, não vi qualquer acesso não autorizado e terminei a sessão.

Pouco tempo depois, foram retirados 2 000 euros da minha conta. Fiquei zangado e desesperado, falei com o meu banco, mas o dinheiro tinha desaparecido. O banco acrescentou que nunca solicitaria dados de acesso através de uma mensagem de texto e de uma ligação.

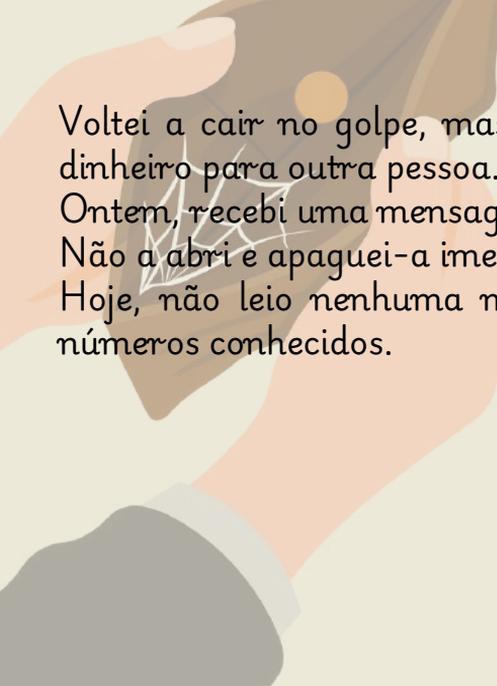
Na semana passada, recebi uma mensagem a informar que tinha ganho um ano de massa. Introduzi os meus dados. A notificação do prémio chegou através de uma chamada para o meu telemóvel. Podia escolher o meu prémio, pelo que optei pelo valor em dinheiro. Claro que, para isso, precisavam do meu número de conta. Em vez do prémio, foram retirados 1 000 euros da minha conta. Fiquei desesperado.

Há três dias, recebi uma mensagem:

“Mãe, tenho um novo número de telefone. Não me vai conseguir contactar com o antigo. Preciso urgentemente de 1000 euros porque tenho de pagar uma coima. Por favor, transfira-o diretamente para o escritório de advogados; aqui estão os dados da conta...”

Fiquei extremamente preocupada e guardei o novo número. Mas não consegui contactar a minha filha através dele. Transferi 1 000 euros para a conta dela.

Nessa noite, ela ligou-me do número antigo: “Mãe, porque é que me enviaste 1000 euros?”



Voltei a cair no golpe, mas pelo menos não transferei o dinheiro para outra pessoa.

Ontem, recebi uma mensagem: "Ganhou 10.000 euros". Não a abri e apaguei-a imediatamente.

Hoje, não leio nenhuma mensagem que não venha de números conhecidos.

## *“O burro e a sua sombra”*

Era uma vez um viajante que contratou um burro e o seu dono para o ajudarem a atravessar um longo deserto.

Partiram de manhã muito cedo, o viajante no burro e o dono do burro a seu lado, a pé.

Ao meio-dia, quando o calor se tornou insuportável, fizeram uma paragem.

-Vamos beber um pouco de água e descansar à sombra do burro disse o viajante

-Sim, ótima ideia! Mas temos de partilhar a água porque o burro também está exausto! respondeu o patrão

-Claro, disse o viajante e, depois de beberem a água, tanto o viajante como o patrão descansaram à sombra do macaco.

# “O capuchinho vermelho”

Era uma vez uma menina muito querida; bastava vê-la para todos gostarem dela. Mas quem mais a adorava era a avó, que já nem sabia o que lhe havia de dar. Um dia, ofereceu-lhe um gorro de veludo vermelho. Ficava-lhe tão bem, e ela gostava tanto dele, que já não queria usar mais nada. Por isso, todos passaram a chamar-lhe Capuchinho Vermelho.

Um dia, a mãe disse-lhe:

— Anda, Capuchinho Vermelho, toma este pedaço de pão e esta garrafa de vinho e leva-os à avó. Ela está doente e fraquinha, e isto vai-lhe fazer bem. Quando saíres, porta-te bem e não saias do caminho, está bem? Se te distraíres, podes cair, partir a garrafa e deixar a avó sem nada.

— Eu vou portar-me bem — respondeu o Capuchinho Vermelho, apertando a mão da mãe.

A avó morava fora da aldeia, num cantinho do bosque, a cerca de meia hora de caminho. E foi no meio do bosque que o Capuchinho Vermelho encontrou o lobo. Mas ela não sabia que ele era um animal tão perigoso, e por isso não teve medo.

— Bom dia, Capuchinho Vermelho — disse o lobo.





- Bom dia, lobo.
- Onde é que vais tão cedo, Capuchinho Vermelho?
- Visitar a minha avó. E tu?
- Vou dar um passeio à procura de comida porque tenho muita fome. O que é que tens no teu cesto?
- Vinho e pão; assim a minha avó, que está fraca e doente, vai saborear um pouco e ficar mais forte.
- Ah, que coisas boas! Não tens medo de andar sozinha pela floresta? Se quiseres, eu posso acompanhar-te. Conheço muito bem a floresta.
- Na verdade, lobo, ouvi algumas histórias más sobre ti. Muitos dizem que és cruel. Mas eu não acredito em tudo o que ouço, e quero tentar dar-te crédito. O meu tio caçador anda pela floresta e se não me vir a chegar à Avózinha, virá à minha procura.

O lobo e o Capuchinho Vermelho dirigiram-se então para a casa da avó, falando de muitas coisas e apanhando flores e cogumelos para levar à avó. Quando chegaram a casa, bateram à porta. Ao abrir a porta, a avó gritou assustada

- O que é que estão a fazer com o lobo mau? Corre depressa
- Avó, não te preocupes, o lobo acompanhou-me no meu caminho e tratou-me com bondade. Muitas das histórias que ouves não são verdadeiras

A avó, convencida pelas palavras da neta, deixou-as entrar e ofereceu ao lobo um petisco de pão e vinho. A certa altura, alguém bateu à porta: era o caçador que ia a passar, tendo ouvido as vozes, e que decidiu parar para o cumprimentar.

Uma vez lá dentro, ao aperceber-se da presença do lobo, pegou na espingarda com medo.

- O que é que estão a fazer? Não dispare! - gritou o Capuchinho Vermelho assustado com a reação do caçador - o lobo tem sido muito bom para mim, ao contrário do que toda a gente pensa. Se te juntares a nós, de certeza que falar com o lobo também te fará mudar de ideias.

- Muito bem, vamos ver se este lobo é mesmo tão bom como dizes, respondeu o caçador ao sentar-se à mesa.

- Muito bem, vamos ver se este lobo é realmente tão bom como dizes, respondeu o caçador ao sentar-se à mesa.

A história ensina-nos que é um erro julgar uma pessoa pela sua aparência ou pelo que os outros dizem dela, porque só conhecendo-a é que podemos formar a nossa própria opinião.



## “O encontro”

Tinha o compartimento do comboio só para mim. Então, uma rapariga entrou, disse um jovem indiano cego. O homem e a mulher que a acompanharam deviam ser os seus pais. Fizeram-lhe muitas recomendações. Como eu já era cego naquela altura, não pude saber como era a aparência da rapariga, mas gostei do som da sua voz.

— Desculpe? perguntei então, queria dizer-lhe que o som da sua voz é muito agradável. Desperta em mim belas emoções. Se não se importar, gostaria que me descrevesse o seu rosto. Sou cego e gostaria de associar a sua voz a um rosto.

— Obrigada, não me importo nada com a sua pergunta. Infelizmente, também perdi a visão aos 17 anos e sei como é. Terei todo o gosto em descrever-lhe o meu rosto, enquanto ainda me lembro dele.

Após ouvir a descrição da rapariga, o jovem ficou ainda mais entusiasmado e decidiu, por sua vez, descrever a sua própria aparência e contar-lhe a história de como perdeu a visão devido a um acidente.



Impulsionados por um interesse e curiosidade mútuos, foi espontâneo para ambos levar as mãos um do outro aos rostos e acariciar as feições um do outro. Entretanto, o comboio aproximava-se da paragem onde a rapariga deveria sair, mas, movidos pela intensidade daquele momento e pela intimidade daquele contacto, decidiram continuar a viagem, a fim de descobrirem mais um sobre o outro.

Muitas vezes, o medo do julgamento e da rejeição pode bloquear-nos e empurrar-nos a viver nas sombras. Mas confiar em nós mesmos e nos outros, e não ter medo de nos mostrarmos como realmente somos, permite-nos desfrutar de experiências e encontros emocionantes. Alguns comboios só passam uma vez.



## “O espelho chinês”

Um dia, o agricultor chinês estava a preparar-se para partir para a cidade com a mulher, para vender o arroz que tinham colhido. A vida não tinha estado do seu lado - uma seca recente tinha quase arruinado toda a sua colheita, e foi apenas com determinação e trabalho árduo que conseguiram sobreviver a tudo. Antes de partir, a sua mulher disse: - Traz-me um pente, se puderes; parti o meu e quero ficar bonita. O agricultor acenou com a cabeça e partiu. Ao longo da estrada, os seus pensamentos eram ansiosos: Será que o arroz se vai vender? Será que vou sobrecarregar a minha família com o meu fracasso? Na cidade, vendeu o arroz por um preço justo. Cansado mas aliviado, passa por uma pequena loja com um objeto muito estranho: um espelho. Nunca o tinha visto antes. Olhando para si próprio do outro lado, viu um homem cansado mas forte a olhar para ele. Naquele momento, todo o peso da viagem que tinha feito, com toda a sua insistência, residia neste pensamento. Talvez a minha mulher devesse ver-se também: não alguém cansado ou velho, mas uma mulher que suportou, que sobreviveu - e que continua a ser bela. Comprou o espelho e foi para casa.

Quando o marido lho deu, ela ficou surpreendida mas agradecida. Sozinha, olhou para ele pela primeira vez. No início, teve medo. O rosto no vidro - era mais jovem? Bonito? Não era o dela? Teria ele trazido outra mulher para casa?

Fechou o espelho, mas não o deitou fora. Os dias passaram. Todas as noites sonhava com o seu eu adolescente - risonho, forte, banhado de luz - e todas as manhãs, olhava de novo, pouco a pouco, aquele rosto espelhado tornava-se familiar. Começou a ver-se a si própria - não como uma estranha, na verdade, mas como uma mulher moldada pelo tempo, pelo amor e pelas dificuldades. A sua mãe reparou e disse-lhe gentilmente:

“Eu tinha-te visto lutar. Mas o facto de te apresentares perante ti própria com coragem é a verdadeira força”, disse a mulher. “Pensei que o espelho me ia mostrar outra pessoa. Mas ele mostrou-me quem eu sou. Não sou perfeita, não sou jovem, mas estou viva e, sim, sou forte.” Nessa noite, ela virou-se para ele e disse: “Obrigada; não me deste apenas um presente, deste-me uma nova forma de me ver. Viste-te a ti próprio quando olhaste para ele?” “Sim”, disse ele, acenando com a cabeça em sinal de afirmação, “no início também não gostei muito. Mas depois apercebi-me que aquele rosto tinha sobrevivido a tanta coisa; estou orgulhoso dele. Tenho orgulho em nós”. E, desde esse dia, o espelho ficou em sua casa como um símbolo silencioso de resiliência - um lembrete de que a força não tem a ver com perfeição. É a forma como olhamos para nós próprios com honestidade e dignidade depois de muitas dificuldades e encaramos o mundo novamente com esperança.

# “O Galo de Barcelos”

## Presumível Inocente?

A sala de espera do tribunal estava insuportavelmente quente... Com a garganta seca, João sentia um aperto no peito... A ansiedade provocava sintomas que mal conseguia suportar... Preso numa teia de burocracia, mal-entendidos e casos que pareciam pertencer a todos e a ninguém, sentia-se perdido.

Uma tarde mudou tudo. Como ex-condenado, sabia que tinha sido novamente culpado e, desta vez, a culpa não era sua. Ele estava inocente. Desta vez, estava mesmo inocente.

O que é que tinha acontecido? Nem mesmo John conseguia explicar.

Um nome? Uma fotografia? Alguém o estava a tramar? Durante anos, tinha-se afastado dos grupos obscuros do seu bairro. Desde que cumpriu a sua pena, algo dentro dele tinha mudado. A prisão era algo que ele não podia voltar a enfrentar. A rotina do encarceramento acorrenta qualquer sentido de liberdade intelectual, transformando as pessoas em zombies. Era essa a opinião de John. E ele tinha conseguido sair; não ia voltar.



Agora, encontrava-se envolvido numa confusão em que mal podia acreditar. Tinha começado um novo emprego numa zona diferente da cidade, onde ninguém o conhecia. Como é que o seu nome tinha ido parar à lista de suspeitos de uma série de furtos na garagem do escritório?

De repente, naquela sala de espera, João deixou de ouvir a conversa do grupo sentado ao seu lado. Já não se apercebeu do som da água a pingar da torneira da arca frigorífica, nem do oficial de justiça a sair de trás da pesada e sólida porta de madeira, chamando os nomes de uma lista presa a um quadro gasto, com uma voz distante e sem emoção.

De facto, deixou de ouvir qualquer coisa externa. Então, uma faísca acendeu-se na sua mente!

É isso mesmo! O seu nome estava na lista porque era o novo empregado do trabalho! Porque tinha um registo criminal! Porque era mais fácil culpar “o forasteiro”!

Consciente da situação, sentiu-se subitamente confiante. Sabia que estava inocente e estava determinado a enfrentar qualquer desafio, quer viesse do juiz ou dos advogados. Sentiu que podia provar a sua inocência apenas com palavras.

Voltando àquela tarde fatídica na sua mente, João lembrou todos os pormenores, todas as pessoas que tinha encontrado. Foi então que se lembrou! Na mesma tarde do roubo, tinha estado a ajudar uma senhora idosa que tinha dificuldade em andar. Ela precisava de ajuda para chegar ao escritório da sua nora, uma advogada no mesmo edifício.

Demorou algum tempo e, embora a mulher tivesse ficado muito grata e lhe tivesse dado um cartão, John não pensou mais nisso.

“Meu caro jovem”, dissera ela, “foi o único que reparou que eu estava a lutar. Pela sua bondade, dou-lhe o cartão do meu marido, o juiz Mendonça. Não hesite em contactá-lo se alguma vez precisar de ajuda”.

Ele nem sequer precisou de procurar o cartão, que provavelmente estava perdido para sempre.

Na sala de audiências, João pediu humildemente autorização para falar. Declarou:

- “Não sou o suspeito de que andam à procura. Tenho um álibi - a sua mulher estava comigo na altura do crime! Castiguem-me se não for verdade!”

Depois da comoção esperada e de uma verificação minuciosa, João foi libertado. Mais tarde, a graciosa senhora convidou-o para almoçar.



## “O homem que contava histórias”

Numa pequena aldeia situada nas profundezas da floresta e com vista para o mar, vivia um homem com o dom da criação de histórias. Todas as manhãs, ele saía da aldeia para procurar inspiração para os seus contos. Ao anoitecer, todos os habitantes da aldeia se juntavam para se encantarem com as suas histórias. Perguntavam-lhe sempre: Diz-nos, o que é que viste hoje? E ele respondia com um sorriso doce e fresco: Hoje vi um jardim de luxo com árvores de todas as formas. Cada folha era como um pequeno quadro. De cada flor, brotavam todas as cores que eu pudesse imaginar. Vi um artista que estava no meio das árvores com uma paleta, criando novos padrões e formas na sua tela, influenciado por tudo o que via à sua volta. Os aldeões ficaram espantados. Como é que a areia pode ser transformada numa tela? Como é que uma mulher idosa podia fazer arte apenas com as suas mãos? Cheios de inspiração, os aldeões começaram a explorar as suas próprias formas de serem criativos. Foi isto que aconteceu. Em breve, os jovens começaram a recolher pedras, folhas e paus maravilhosos, nas ruas, criando a sua própria arte. Os mais velhos começaram a tecer erva e cordel em belas criações; as crianças pintavam murais nas paredes da aldeia, transformando-a na galeria mais colorida. Toda a gente se encontrava numa forma de criatividade, e a aldeia começou a brilhar com novas cores. Mas um dia,

o contador de histórias voltou com uma história completamente nova. Hoje, passeando pela praia, vi um grupo de pessoas construindo uma enorme escultura com areia e pedras. Não se tratava apenas de uma obra de arte. Cada pedra, cada peça foi cuidadosamente escolhida para criar harmonia e equilíbrio. Não estavam apenas a construir - estavam a contar. Uma história sobre a sua aldeia, as suas vidas e as suas experiências. Foi nesse ato de criação que compreendi como é fundamental não só criar, mas também juntarmo-nos para criar algo maior do que nós próprios.

Os aldeões, agora completamente apaixonados pela ideia de criatividade, perceberam que a criatividade não era apenas sobre auto-expressão, mas sobre o poder que tem de unir as pessoas e de criar algo que pertence a todos.

A partir desse dia, o homem nunca mais falou de criaturas míticas ou de terras longínquas. Em vez disso, exortou os seus companheiros de aldeia a verem o mundo com olhos criativos, para os fazer compreender que a criatividade não é apenas aquilo que cada um pode criar, mas a forma como a sua imaginação pode unir as pessoas e transformar o mundo à sua volta.

## “O leão ingrato”

Era uma vez um leão feroz, que semeava o terror por toda a savana. Para evitar que continuasse a causar problemas, os caçadores concordaram em livrar-se dele. Enganaram o animal numa cabana e fecharam a porta. Um dia, um homem, compadecido com as súplicas do leão para o libertar, abriu a porta e o animal não hesitou em atacá-lo. Foi salvo e, imediatamente, os humanos da região começaram a trabalhar em conjunto. Ele foi salvo e imediatamente entrevistaram os humanos da aldeia, que organizaram uma espécie de julgamento para descobrir o que tinha acontecido.

No entanto, o julgamento tomou um rumo diferente, pois um lobo sábio começou a questionar os motivos do leão para atacar aquele que o tinha salvo. A questão central ao longo do julgamento foi “O que é que nós fizemos para contribuir para a reeducação do leão?”. Este raciocínio fez com que a aldeia se apercebesse da inutilidade de encerrar um animal numa cela sem o ajudar a compreender os seus erros. O leão foi então convidado a regressar à jaula com a promessa de um percurso que o reintegraria na sociedade. Passados apenas dois anos, o leão tornou-se livre, estabelecendo uma grande cumplicidade com os homens e os animais, amando todos e sendo amado.

## *“O Macaco e o Camelo”*

Aquele era um dia particularmente importante. De facto, a floresta tinha convidado os delegados de todas as espécies animais a reunirem-se numa assembleia durante a qual seria discutido um assunto muito sério. Ninguém faltou. O primeiro a falar foi o leão, rei indiscutível dos animais. Num respeitoso silêncio geral, disse: “Caros súbditos, reunimo-nos hoje com o objetivo de estabelecer uma paz duradoura entre nós, eliminando todas as disputas e invejas, para que juntos possamos enfrentar todos os perigos causados pelo homem à natureza. O discurso prossegue longamente, sublinhado por aplausos.

Todos estão, portanto, de acordo: é necessário unirmo-nos para ultrapassar os problemas. No final da assembleia, todos os animais participam no grande almoço organizado para a ocasião. A comida e a bebida são abundantes. Quando todos estavam saciados e satisfeitos, alguém pediu ao macaco, que era notoriamente alegre e animado, para animar a cerimónia com um divertimento. O macaco, sem ser solicitado, subiu ao estrado e, com agilidade e simpatia, iniciou um número hilariante cheio de saltos acrobáticos, cambalhotas e danças. Encantados, os espectadores aplaudiram como nunca, divertidos com a habilidade deste comediante invulgar.

Um camelo ficou de lado, a admirar o sucesso do macaco e a aplaudir ruidosamente. Estava feliz com o seu sucesso, mas ao mesmo tempo sentia-se um pouco triste: ninguém esperaria, mas o camelo gostava tanto de dançar. Fazia-o muitas vezes quando estava sozinho, porque sabia muito bem que não era um dançarino ágil e experiente como o macaco e, em parte, tinha medo do julgamento dos outros animais. No entanto, dizia a si próprio que não tinha nada de que se envergonhar: que mal havia em sentir-se feliz quando dançava, mesmo que não fosse muito bom? Por isso, decidiu que ia tentar: assim que o macaco terminou o seu espetáculo, tomou o seu lugar no estrado e começou a mexer-se ao ritmo da música. Claro que era uma dança estranha e desajeitada, mas ele continuou serenamente, sorrindo. No início, os outros animais ficaram calados e surpreendidos: não esperavam que um camelo que balançava continuamente mesmo quando andava pudesse estar interessado em dançar. No entanto, vê-lo mexer-se alegremente era contagiante: afinal, que importava se não fosse uma dança perfeita, a beleza daquela assembleia era que todos eram diferentes e eram precisamente as suas diferenças que faziam deles um grupo forte, capaz de enfrentar as dificuldades em conjunto. Todos começaram a aplaudir e a elogiar o camelo.



## “O Ouriço e a Raposa”

Era uma vez, numa floresta bem escondida, onde para se saber da sua existência era preciso andar quilômetros fora da cidade, Marcos, o ouriço-cacheiro. Marcos tinha 4 anos. Velho, claro, uma vez que os ouriços vivem até aos 5 anos. No entanto, a quem se perguntava na floresta, diziam que ele tinha sete corações, como um gato. Diziam que, de três em três vezes, ele saía para a rua, não se importava com os carros e as pessoas más e, correndo o risco de perder a vida, atravessava a estrada e entrava na floresta oposta. Nenhum outro ouriço se tinha aventurado a explorar aquela floresta, pois toda a gente sabia que os que lá tinham ido nunca mais voltavam.

As raposas que dominavam a floresta vizinha faziam questão de exterminar qualquer pequeno ouriço que se aproximasse dos seus ninhos. Mas nenhuma delas incomodava Marko e todos ficaram surpresos quando ele regressou. Mas ele também não sabia. Era tão velho que não se importava de morrer. Estava a viver o momento. E todos o invejavam por isso, mas ninguém fazia o mesmo.

Uma manhã, Markos decidiu atravessar a estrada mais uma vez, ir para a floresta oposta e banhar-se calmamente no rio.

Desde pequeno, gostava de mergulhar os seus espinhos no rio da floresta oposta, onde passava inúmeras horas a brincar com os seus irmãos.

As suas pernas pequenas impediam-no de chegar rapidamente ao seu destino, por isso partia sempre de manhã cedo para ganhar tempo. Pensava que, a essa hora, não haveria muitos carros a passar, pelo que o seu percurso seria mais seguro.

Foi o que fez nessa manhã, por isso começou cedo a atravessar a estrada. Já não conseguia ouvir bem, mas conseguia ouvir aquelas sirenes altas a virem na sua direção mesmo antes de chegar à floresta oposta. Ao virar o olhar, vê um grande veículo branco a aproximar-se a toda a velocidade. Incapaz de se salvar, envolveu-se nos seus espinhos e percebeu que a sua vida tinha acabado. As rodas do veículo branco tocaram-lhe nas costas e ele gritou de dor. O veículo branco continuou a correr e Marcos ficou na estrada, a sofrer, a gritar, mas sabendo que ainda estava vivo.

- Eu vou lutar!", disse ele e continuou a gritar por socorro.

Passado algum tempo, Sifis, o urso castanho, Melina, a líder dos javalis e todos os outros ouriços que ouviram o chamamento de Marcos apareceram por detrás da erva alta. Olharam para ele e, quando se aperceberam do que lhe tinha acontecido, começaram a pensar em soluções, mas sem agir.

Uma bela raposa castanha-avermelhada, com uma cauda orgulhosa e espessa, apareceu e disse a todos:

-Vamos lá, vamos ajudar o Marcos! Ele fez tantas coisas por nós! Deixem de o invejar e ajudem-no.

Elli, a rainha das raposas, em colaboração com os outros animais, ajudou e deslocou o velho ouriço. Trataram-no com amor e retribuíram toda a ajuda que o ouriço lhe deu durante tantos anos. Marcos ficou bom alguns dias depois e agradeceu a todos os seus amigos - Todos nós podemos atravessar a estrada! Se nos mantivermos unidos e amados, podemos ajudar-nos uns aos outros e ter uma vida bonita!



## “O pastor mentiroso”

Era uma vez um pastor que tinha um rebanho com alguns problemas e um redil fora da sua aldeia. Todas as manhãs, levava as ovelhas para uma colina verdejante perto do redil e deixava-as servir-se em paz. Normalmente, passava o tempo a tocar a sua flauta, mas um dia esqueceu-se dela no redil. Não tendo nada para fazer, pensou em pregar uma partida aos seus companheiros de aldeia. Por isso, subiu a uma rocha e começou a gritar na direção da aldeia: Ajudem os outros aldeões. Os lobos comem as minhas ovelhas. Corram. Ajudem! Os homens da aldeia agarraram no que encontraram à sua frente e correram para ajudar o pastor, que assim que os viu começou a rir-se da sua situação. O pastor, ao que parece, achou muita graça ao que estava a fazer, pois repetiu a cena mais algumas vezes e, de cada vez, os seus companheiros de aldeia correram para o ajudar.

Então, uma noite, o pastor reparou que havia sombras a moverem-se perto do rebanho. Ouviu rosnaços baixos mas, lembrando-se das suas mentiras passadas, hesitou. Em vez de correr para a aldeia, decidiu observar em silêncio. Escondido nos arbustos, viu não um, mas três lobos a aproximarem-se sorrrateiramente das ovelhas.

Apercebendo-se do perigo real, pegou na buzina e soprou uma nota longa e profunda. Os habitantes da aldeia, ao ouvirem este novo sinal, perceberam que algo estava realmente errado. Armados com tochas e paus, correram para o pasto. Os lobos, assustados com as luzes e o barulho repentinos, fugiram para a floresta. As ovelhas foram salvas e o pastor, em vez de ser desprezado, foi elogiado pela sua rapidez de raciocínio.

A partir desse dia, o pastor deixou de procurar atenção através de mentiras e passou a ser um protetor de confiança do rebanho. Os aldeões também aprenderam que mesmo aqueles que cometem erros podem mudar e fazer grandes coisas.



## “O patinho feio”

Havia uma grande agitação na quinta: Os pintainhos da Mamã Pata estavam a chocar.

Um a um, começaram a eclodir. A Mamã Pata estava tão entusiasmada com os seus adoráveis patinhos que não reparou que um dos seus ovos, o maior de todos, permanecia intacto.

Algumas horas mais tarde, o último ovo começou a partir-se. A Mamã Pata, todos os pintainhos e os animais da quinta estavam à espera de conhecer o pequenino que ainda não tinha nascido. De repente, da casca saiu um patinho com um aspeto peculiar, a sua aparência não era a esperada. Quando todos o viram, ficaram surpresendidos, pois este patinho era grande, cinzento e o seu grasnar tinha um som diferente. Embora o seu aspeto não fosse o esperado, a Mamã Pata acolheu-o, juntamente com os seus outros filhotes.

Embora ninguém dissesse nada, todos pensavam a mesma coisa: “Este patinho é demasiado feio”.

Os dias foram passando e todos os animais da quinta gozavam com ele. O patinho feio não aguentou a crueldade dos outros e decidiu deixar a quinta em busca de um lugar onde pudesse ser aceite como era.



O patinho feio vagueou pelas profundezas da floresta e, quando estava prestes a desistir, encontrou a casa de uma velhinha humilde que vivia com um gato e uma galinha. O patinho ficou com elas durante algum tempo, mas como não estava contente, depressa se foi embora. Quando chegou o inverno, o pobre patinho feio quase morreu congelado. Felizmente, um agricultor levou-o para casa para viver com a sua mulher e os seus filhos. Mas o patinho ficou aterrorizado com as crianças, que gritavam e saltavam a toda a hora, e voltou a fugir, passando o inverno numa lagoa pantanosa. Foi na chegada da primavera que o patinho feio encontrou uma família de cisnes a nadar na lagoa e quis aproximar-se deles. Mas lembrou-se de como todos eles gozavam com ele e baixou a cabeça com vergonha. Quando olhou para o seu reflexo na água, ficou espantado. Não era um patinho feio, mas um jovem e belo cisne. Agora sabia porque é que era tão diferente dos seus irmãos e irmãs - eles eram patinhos, mas ele era um cisne! Feliz, nadou em direção à sua família. Percebeu que a verdadeira beleza reside na diversidade e na inclusão, e que toda a gente merece ser tratada com igualdade e respeito, independentemente das suas diferenças. E assim, o patinho feio encontrou a sua verdadeira casa, onde era amado e valorizado exatamente por ser quem era.



## “O soldadinho de chumbo”

Era uma vez vinte e cinco soldadinhos de chumbo, vinte e cinco irmãos porque nasceram de uma velha colher de chumbo. A arma no braço, o olhar fixo, a farda a brilhar de vermelho e azul.

azul, que bem que ficavam todos juntos! A primeira frase que ouviram quando abriram a tampa da caixa que os continha foi: “Soldadinhos de chumbo! Era o seu presente de aniversário e começou a colocá-los em cima da mesa, todos bem alinhados. Todos os soldadinhos eram idênticos uns aos outros, exceto um a quem faltava uma perna. Tinha sido o último soldadinho a ser fundido e já não havia chumbo suficiente.

Em cima da mesa, havia muitos outros brinquedos, incluindo um esplêndido castelo de papel. Era muito bonito, mas havia algo ainda mais bonito: uma linda rapariga em frente à porta do castelo, também feita de papel e com um delicado tutu. A rapariga tinha os braços estendidos porque era uma bailarina! E levantava a perna tão alto que o soldadinho de chumbo pensava que ela não tinha nenhuma, tal como ele.

“Aqui está a rapariga perfeita para mim”, pensou ele, “mas ela é demasiado distinta, vive num castelo enquanto eu vivo numa caixa com outros 24 soldados. Ainda tenho de a conhecer melhor”. Decidiu visitá-la assim que anoitecesse. O soldado escondeu-se para que a criança não o voltasse a colocar na caixa com os outros soldados. Quando chega a noite, o silêncio invade a casa. Todos os habitantes dormem tranquilamente, exceto os brinquedos. À meia-luz, a festa começou: os balões tocaram os quatro cantos, os animais de peluche fizeram piruetas e os soldadinhos desfilarão ao som do tambor de um palhaço colorido. No meio de toda esta animação, só ficaram calados as danças de papel e o soldadinho de chumbo, que não conseguia parar de olhar para ela, perdidamente apaixonado.

Na manhã seguinte, a criança reparou que o soldadinho de chumbo estava escondido atrás da caixa; pegou nele e colocou-o no parapeito da janela. Imediatamente, uma rajada de vento infeliz, ou talvez o sopro vingativo do seu rival, fê-la cair no vazio! A criança saiu a correr para a rua para a procurar, mas, como não a encontrou, regressou a casa em desespero.

Começa a cair uma violenta chuva de verão. Dois ociosos viram o soldadinho de chumbo e tiveram a curiosa ideia de o colocar num barco de papel que estavam a construir. De seguida, colocaram o barco na água. O frágil barco ficou rapidamente à mercê da corrente e desapareceu num redemoinho. O soldadinho viveu momentos intermináveis na escuridão, molhado pelos salpicos da água agitada e navegando nos esgotos... Finalmente, vê a luz do sol ao longe. A luz torna-se cada vez mais brilhante e abre-se para o campo e para a liberdade.

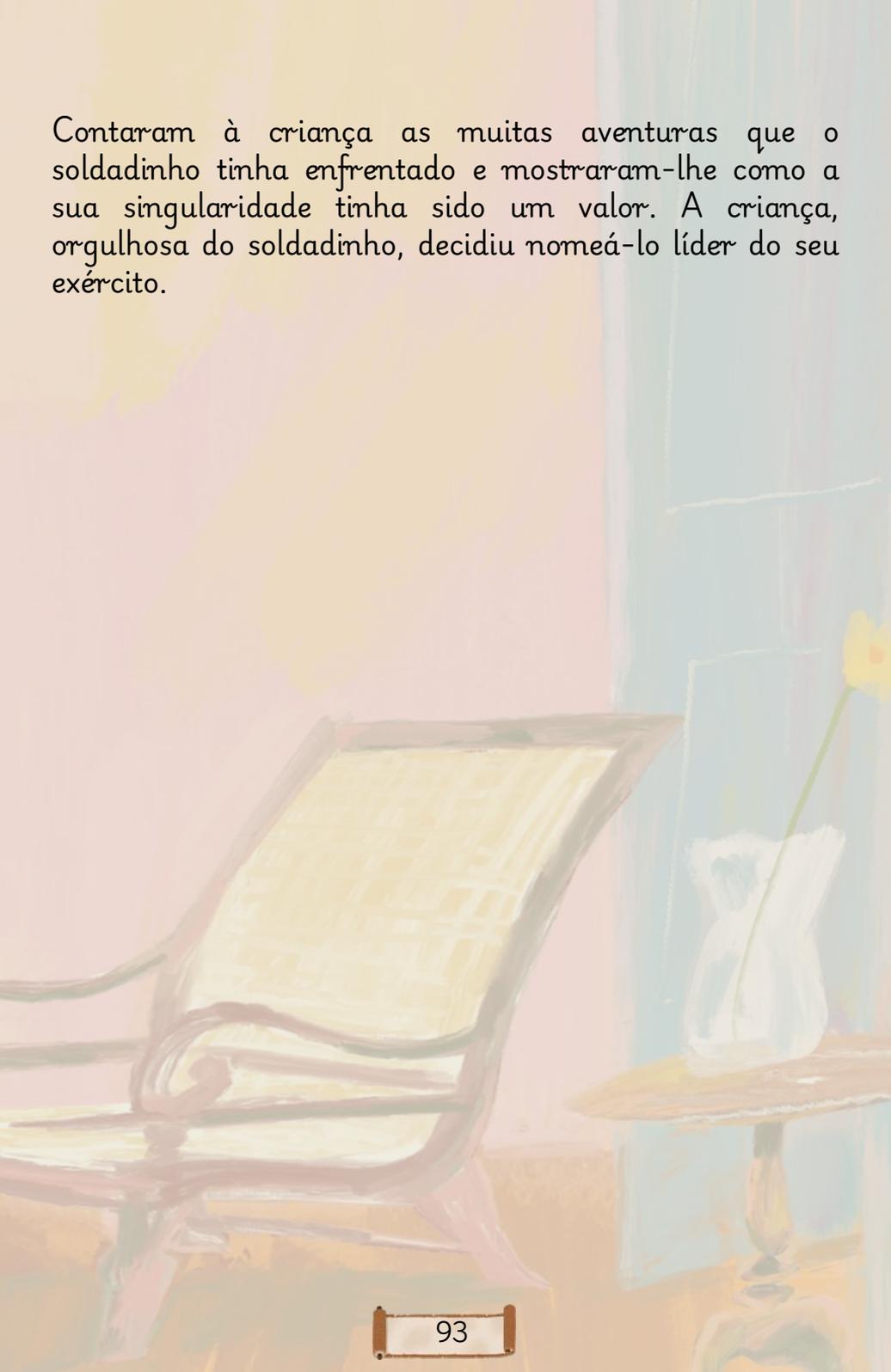
“Graças a Deus que estou são e salvo...”, pensou. Infelizmente, ainda não tinha acabado... Um enorme rato de esgoto, de aspeto feroz, estava a bloquear a saída, mas felizmente ele não o conseguiu apanhar e ele afastou-se. O barquinho de papel continuou a sua viagem pelos prados e campos, até que não se aguentou e virou! O soldadinho de chumbo afundou-se. “Adeus, linda bailarina! Um enorme peixe errante confundiu-o com uma presa de que gostava muito e engoliu-o inteiro. Pouco tempo depois, o peixe foi apanhado na rede de um pescador e vendido no mercado. Por sorte, o peixe foi comprado pelo cozinheiro que trabalhava para os pais do rapaz. Quando ele cavou na barriga do animal para o limpar, o que é que encontrou? O soldadinho de chumbo perdido! Colocou-o em cima da mesa, ao lado do castelo de cartão.

A linda bailarina olhou para ele a sorrir, feliz por não o ter perdido para sempre. O soldadinho contou-lhe as terríveis aventuras que tinha vivido e todos os brinquedos começaram a ouvir. Todos ficaram muito comovidos com o regresso do soldadinho: sempre o tinham considerado pouco corajoso e capaz por causa da perna que lhe faltava, mas ele tinha mostrado grande coragem e capacidade para enfrentar as dificuldades. Têm um grande respeito por ele. Só o gnomo mau ardeu de raiva ao ver que todos festejavam o regresso do soldadinho, especialmente a sua querida bailarina. Por isso, tentou convencer a criança a atirá-lo para a fogueira, dizendo-lhe que estava a estragar a sua bela coleção de soldadinhos por causa da perna que lhe faltava. No entanto, quando a criança se aproximou do soldadinho para o levar, os seus irmãos soldados disseram-lhe para parar e alinharam-se como um exército para o defender.

“Graças a Deus estou são e salvo...”, pensou. Infelizmente, ainda não tinha acabado... Um enorme rato de esgoto de aparência feroz estava bloqueando a saída, mas felizmente ele não conseguiu pegá-lo e ele se afastou. O barco de papel continuou sua jornada pelos prados e campos até que não conseguiu se segurar e virou! O soldadinho de chumbo afundou. “Adeus, linda dançarina!” Um enorme peixe errante o confundiu com uma presa da qual gostava muito e o engoliu inteiro. Pouco depois, o peixe foi capturado na rede de um pescador e vendido no mercado. Por sorte, o peixe foi comprado pelo cozinheiro que trabalhava para os pais do menino. Quando ele cavou na barriga do animal para limpá-lo, o que ele encontrou? O soldadinho de chumbo perdido! Ele o colocou na mesa, ao lado do castelo de papelão.

A linda dançarina olhou para ele sorrindo, feliz por não tê-lo perdido para sempre. O soldadinho contou a ela sobre as terríveis aventuras que havia vivido e todos os brinquedos começaram a ouvir. Todos ficaram muito tocados com o retorno do soldadinho: sempre o consideraram pouco corajoso e capaz por causa da perna faltando, mas ele demonstrou grande coragem e capacidade de enfrentar as dificuldades. Eles tinham um grande respeito por ele. Só o gnomo mau ardia de raiva ao ver que todos estavam comemorando o retorno do soldadinho, especialmente sua amada dançarina. Então ele tentou convencer a criança a jogá-lo no fogo, dizendo que estava arruinando sua linda coleção de soldadinhos por causa da perna faltando. No entanto, quando a criança se aproximou do soldadinho para pegá-lo, seus irmãos soldados disseram para ele parar e se alinharam como um exército para defendê-lo.

Contaram à criança as muitas aventuras que o soldadinho tinha enfrentado e mostraram-lhe como a sua singularidade tinha sido um valor. A criança, orgulhosa do soldadinho, decidiu nomeá-lo líder do seu exército.



## “O pescador e a sua mulher”

Era uma vez um pescador que vivia com a sua mulher, Ilsebill, numa pequena cabana de pescador, perto do mar.

Um dia, um grande alabote enroscou-se na cana de pesca do pescador e disse-lhe: “Pescador, não sou um alabote verdadeiro, sou um príncipe encantado. Por favor, deixa-me cair e não me mates!

Bem”, disse o pescador, ‘um alabote que pode falar, certamente que o deixarei nadar’.

Então, devolveu-o à água límpida e regressou de mãos vazias à sua mulher na pequena cabana.

Não apanhaste nada hoje? perguntou-lhe Ilsebill.

‘Não’, disse o homem. Só apanhei um halibute. Mas dizia que era um príncipe encantado. Voltei a pô-lo na água.

‘Não pediste um desejo?’ perguntou a mulher.

Não”, responde o homem. O que é que eu deveria desejar?

Oh, disse Ilsebill, ‘a nossa cabana é tão pequena. Cheira mal e é velha e desmazelada. Devias ter desejado uma casa pequena. Vão chamá-lo outra vez! Diz-lhe que queremos uma casa pequena. Tenho a certeza que ele nos vai dar uma’.

Oh”, disse o pescador, ‘não quero voltar a chamá-lo’.  
Mas deixaste-o nadar. Agora, vai-te embora!

O pescador não gostou da persistência da sua mulher, mas também não a queria desiludir - por isso foi para o mar e disse

Timpy, timpy, timpy tee,

Buttje, buttje no mar,

A minha querida mulher, a Ilsebill,

Não quer o que eu quero - mesmo assim".

O alabote nadou e perguntou: "Bem, o que é que ela quer?"

Oh", disse o homem, "libertei-te outra vez e agora a minha mulher diz que eu devia ter pedido um desejo. Ela já não quer viver na cabana, quer uma casa a sério", explicou o pescador.

Vá lá", disse o halibute, 'ela já a tem'.

O homem voltou para trás e viu a sua mulher sentada num banco em frente a uma bonita casa de campo. Juntos, entraram e olharam alegremente em redor. Tudo estava no sítio, até um pequeno quintal com galinhas e uma pequena horta com fruta e legumes.

Olha", disse a mulher, "não é bonita?"

Sim!", disse o pescador. Vamos manter isto assim. Agora queremos viver contentes'.

Vou pensar nisso", disse Ilsebill estranhamente. Alguns dias depois, Ilsebill disse ao pescador: "A casinha está a ficar demasiado apertada para mim e o pátio e o jardim são tão pequenos. Quero viver num grande castelo. Vai ter com o halibute e diz-lhe que nos dê um castelo!"

Oh Ilsebill”, disse o homem, “a casa de campo é ideal para nós! Porque é que queremos viver num castelo?

Vai ter com o alabote! Ele fá-lo-á!

Não, Ilsebill”, disse o pescador, infeliz. O halibute deu-nos a casa de campo. Não quero pedir-lhe mais. Podia aborrecê-lo.’

Mas a sua mulher não parava e o pescador disse com raiva: “Não está certo!”, mas fez-se ao mar na mesma. O mar estava agora turvo e agitado, tal como o próprio pescador. Andou de um lado para o outro da costa e reflectiu sobre o que devia fazer. Lentamente, chegou a uma decisão e finalmente chamou o rabo:

Timpy, timpy, timpy tee,

Buttje, buttje no mar,

A minha querida mulher, a Ilsebill,

Não quer o que eu quero - ainda”.

O alabote nadou e perguntou: “Então, o que é que ela quer?”

Querido alabote, a minha mulher Ilsebill está a portar-se muito mal e eu não quero continuar a viver com ela assim! Será que posso viver no mar contigo? Sei nadar e mergulhar e vamos divertir-nos muito!



Os olhos do alabote arregalaram-se e ele mordeu o lábio superior de espanto. Mas depois deu um salto feliz.

Voou para fora de água e gritou "Gostava muito, pescador! Salta e agarra-te à minha barbatana! Vamos descobrir o mundo juntos!

E o pescador saltou, agarrou-se bem a ele e partiram à descoberta do mundo.

E viveram felizes para sempre, percorrendo juntos os oceanos do mundo. Enquanto Ilsebill, verde de cobiça, se senta no banco em frente à casinha bonita e se pergunta porque é que o Rabo demora tanto tempo a dar-lhe um grande castelo.



## “O rato ganancioso”

Era uma vez um rato muito guloso. Ele comia, comia, até que a sua barriga inchou tanto que ele não conseguia sair do seu lugar!

- Porque é que comes tanto? chamaram-lhe os outros ratos.

- Porque é que não hei-de comer? respondeu o rato guloso. Eu gosto de comida.

- Um dia vais ficar estragado por comer demais, aconselharam-no.

- Porque é que me hei-de magoar? Tenho um estômago muito forte e digiro facilmente tudo o que como.

Um dia, o rato guloso deixou o seu ninho, que ficava na cave de uma casa, subiu cautelosamente ao rés do chão, para que um gato não o visse e o atacasse, encontrou um buraco numa parede, entrou com dificuldade porque era estreito, deu um passo em frente e, de repente, o que é que os seus olhos viram!

Encontrou uma cave, uma cave cheia de comida! Queijos, salames, carnes fumadas, nozes e um monte de outras coisas.

O rato nunca poderia imaginar tal sorte!

Mas e os outros ratos? O rato ganancioso pensou melhor e considerou que o queijo e o salame da cave eram suficientes e que os outros ratos também podiam comer. Eles estavam interessados na sua saúde e no seu bem-estar.

“Devo ter em consideração as suas palavras”, disse o rato e chamou imediatamente outros ratos para comerem juntos todos os bens que encontrou. O rato guloso decidiu que devia cuidar não só de si mas também dos outros. Assim, todos os ratos fizeram uma refeição rica, partilhando o salame e o queijo existentes na cave.

A gula é uma coisa má, tanto para os homens como para os animais. E quem é guloso arrepende-se certamente mais tarde ou mais cedo...

## “O rato, o pássaro e a salsicha”

Era uma vez um rato, um pássaro e uma salsicha que viviam juntos na sua casa. Todos a mantinham juntos, pois eram muito queridos, e a paz e a felicidade reinavam na sua casinha, pois cada um fazia o seu trabalho.

A tarefa do pássaro era voar todos os dias para a floresta e trazer madeira para casa. O rato tinha de levar água do poço, acender o lume e preparar a mesa. E o chouriço tinha-se encarregado de cozinhar. Um dia, o passarinho encontrou um outro pássaro na floresta, que o gozou por ter uma vida tão boa e por estar a trabalhar arduamente na floresta, enquanto os seus outros dois amigos desfrutavam do calor da casa.

- Tu ficas muito cansado e carregas a lenha da floresta. Os outros dois fazem trabalhos fáceis em casa, disse-lhe ela.

Quando o ratinho acendia o lume e tirava água do poço, sentava-se na sala de estar até à hora de preparar a mesa. E o chouriço, que era o cozinheiro, só tinha de ficar perto da panela para ver a comida a ser cozinhada. Quando chegava a hora de jantar, o chouriço ia para a panela, dava-lhe uma voltinha entre os legumes, e assim a comida ficava deliciosa e pronta para ser saboreada. Depois veio o passarinho da floresta.

Todos se sentaram à mesa para comer e depois foram para as suas camas, onde dormiram satisfeitos até à manhã seguinte. Viviam uma vida verdadeiramente bela! Mas no dia seguinte, por ter acreditado no que o seu amigo lhe tinha dito, o passarinho recusou-se a ir para a floresta carregar lenha. Há muito tempo que se tinha tornado o servo dos outros, disse ele. É altura de as coisas mudarem, de cada um fazer um trabalho diferente, para variar.

O rato e a salsicha concordaram e o pássaro ficou surpreendido! A salsicha ficou com a tarefa de ir à floresta buscar lenha, o ratinho de cozinhar e o passarinho de tirar água do poço, acender o lume e pôr a mesa.

Quando a salsicha começou a ir à floresta buscar lenha. O passarinho acende a fogueira e o ratinho põe a panela da comida no lume. Depois, os dois ficaram à espera que a salsicha voltasse para casa, com a lenha para o dia seguinte. Mas a salsicha encontrou um companheiro na floresta, um cão. O cão estava sozinho e com fome e a salsicha decidiu acompanhá-los e ajudá-los em todos os trabalhos que tinham de ser feitos.

Decidiram ficar todos juntos e fazer o melhor que pudessem. Quando chegou a altura de comerem, prepararam a comida e separaram os trabalhos. Mudaram os trabalhos à vez, para se sentirem todos iguais



## “Os músicos da cidade de Bremen”

Era uma vez um burro que viajava para Bremen quando viu um cão a chorar na beirada da estrada. Porque é que estás a chorar assim?”, perguntou o burro com empatia e o cão respondeu:

O meu dono queria matar-me porque sou muito velho e já não o posso ajudar na caça. Foi por isso que fugi - e agora não sei para onde ir...!

Vem comigo para Bremen! Eu tive uma experiência semelhante, mas agora vou ser músico!

O cão saltou e seguiu o burro.

Pouco tempo depois, um gato triste estava sentado à beirada do caminho e o burro falou com ele:

O que é que te atrapalha, velho nariz peludo?

Porque sou velho e inútil, a minha patroa queria afogar-me. Então fugi, mas para onde é que vou agora?” “Vem connosco para Bremen!”, sugeriu o cão alegremente. Nós sentimos o mesmo e agora vamos montar uma banda de jazz em Bremen! O gato juntou-se a ele e começou a cantar uma pequena canção de alívio.

Em breve passaram por uma quinta. O galo da casa estava sentado no portão e gritava tão alto que os três tiveram de tapar os ouvidos. O que é que está a gritar?

Amanhã o agricultor quer comer-me na sopa. Tenho tanto medo!

Oh, meu Deus", disse o burro, "é melhor vires para Bremen connosco! Nós vamos ser músicos.

Tu tens uma grande voz! O galo gostou da ideia e assim continuaram a sua viagem juntos.

Burro?" perguntou o cão enquanto caminhavam.

Sim, o que é que se passa?

Estava a pensar em como será a nossa banda.

Fantástico. E então?

Pensei que talvez o Gato, o Galo e eu pudéssemos ser os cantores.

Gosto disso", disse o gato e o galo acenou com a cabeça.

Maravilhoso", respondeu o burro.

Sim, mas... Se tu fosses o baixo...'

Exatamente!", apressou-se o burro a concordar.

Bem", disse o cão. Então a guitarra continua a faltar.

Agora o gato e o galo perceberam e acrescentaram nervosamente: E a bateria! E o saxofone!

E o piano! E o trompete!

Têm razão", resmungou o burro. Isso é mesmo um bocado parvo'. Fez um ar irritado e trotou pensativo.

Pouco depois, disse: 'Agora vamos procurar um sítio para passar a noite. Já está a ficar escuro'.

O burro e o cão deitaram-se debaixo de uma grande árvore, o gato subiu a um ramo e o galo voou para o cimo da árvore, de onde podia ver tudo. O ambiente era sombrio porque estava frio e desconfortável e porque todos pensavam em como poderiam ainda realizar o sonho da sua banda.

Pouco antes de adormecerem, o galo apercebeu-se de uma luz e sussurrou aos seus companheiros:

Rapazes, deve haver uma casa. Estou a ver uma luz! O burro respondeu: "Então vamos para lá. É muito difícil dormir aqui".

Pouco tempo depois, pararam em frente a uma casa de ladrões bem iluminada, de onde se ouvia uma conversa alta. O burro avançou e espreitou pela janela.

O que vêes, cinzento?", pergunta o galo.

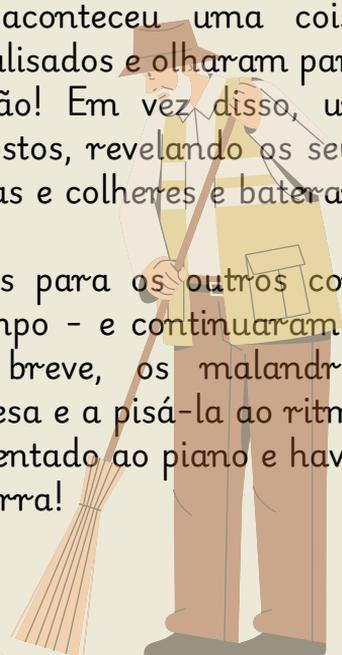
Uma mesa posta com boa comida e bebida, e à volta dela sentam-se ladrões zombeteiros que se divertem!

Mmmm! Isso seria bom para nós!", disse o galo, e eles pensaram como é que poderiam expulsar os ladrões.

Em breve tiveram uma ideia. Eles iam assustar tanto os ladrões que eles iam fugir.

Assim, o burro pôs-se com as patas da frente no parapeito da janela e o cão saltou-lhe para cima. O gato subiu para cima do cão e o galo voou para cima da cabeça do gato. A um sinal, começaram a fazer música muito alto. Inesperadamente, aconteceu uma coisa estranha: os ladrões ficaram paralisados e olharam para a janela. Mas não fugiram. Não! Em vez disso, um sorriso espalhou-se pelos seus rostos, revelando os seus dentes de ouro. Pegaram em facas e colheres e bateram com elas na chávena e na mesa.

Os quatro animais olharam uns para os outros com surpresa e prazer ao mesmo tempo - e continuaram a cantar apaixonadamente. Em breve, os malandros estavam a dançar em cima da mesa e a pisá-la ao ritmo da música. Um deles até estava sentado ao piano e havia também um saxofone e uma guitarra!



Quando finalmente todos precisavam de descansar, os ladrões deram as boas-vindas aos animais e ofereceram-lhes comida e bebida. Enquanto comiam e bebiam, planejaram o seu futuro mútuo - como uma banda de jazz em Bremen. Depois, todos procuraram um sítio acolhedor para dormir. Cansados dos acontecimentos do dia e animados com os seus planos conjuntos, rapidamente adormeceram.



# “Os Três Porquinhos”

## *Os três lobos e o porco*

Era uma vez três lobos que viviam numa bela ilha. Tinham deixado recentemente a casa dos pais e estavam a viver sozinhos. Os três irmãos viviam juntos numa bela casa de madeira.

Na mesma ilha, viviam também três porcos. Cada família vivia em lados opostos da ilha e raramente se cruzavam. Mas um dia, algo aconteceu e coube a um dos irmãos porcos resolver a situação.

Durante muito tempo, o porco tinha planeado salvar os seus irmãos, que tinham sido capturados pelos irmãos lobos. Como as suas casas eram feitas de palha e madeira, os porcos tinham sido apanhados por um dos lobos, que agora vivia na casa de madeira com os seus dois irmãos. O porco que tinha conseguido escapar, graças à sua casa de tijolo, sabia que os seus irmãos estavam fechados na cave, quase sempre dentro de uma arca.

Uma tarde, disfarçado de vendedor, o porco bateu à porta dos lobos com um pequeno saco de maçãs para vender. As maçãs cheiravam tão bem que os lobos abriram a porta, pegaram no saco e, sem pensar duas vezes, comeram todas as maçãs.

As maçãs eram tão sumarentas que os lobos nem se aperceberam que estavam misturadas com uma dose elevada de comprimidos para dormir.

Em poucos minutos, adormeceram, quase caindo no chão da cozinha.

O porco conseguiu entrar na casa sem problemas, salvar os seus irmãos e levá-los em segurança para a sua casa de tijolo no outro lado da ilha, onde viveram felizes para sempre.



# *“Pedro e o Lobo (Versão Portuguesa)”*

Pedro, o mentiroso

Era uma vez um pastor chamado Pedro que vivia numa pequena aldeia.

O Pedro não era muito feliz, porque tinha ganho a alcunha de “Pedro, o Mentiroso”.

- Lá vai o Pedro Mentiroso! - dizia alguém quando o Pedro passava na rua.

- Então, mentiroso, hoje vai ser peixe ou carne? Pensa bem, o Pedro não mente - dizia-lhe a senhora do mercado quando ele estava a fazer compras.

O Pedro tinha ganho esta alcunha porque tinha mentido muito no passado. O trabalho do Pedro era guardar o rebanho da aldeia. O Pedro ficava a olhar para o rebanho durante horas, aborrecido. Não nos podemos esquecer que o Pedro era um jovem que ansiava por se divertir.

- Este trabalho é uma seca! - pensava o Pedro.

Então, para contornar o seu aborrecimento, Pedro decidiu pregar partidas aos aldeões. E essas partidas consistiam em mentiras. Pedro gritou por socorro e gritou de medo, dizendo aos aldeões que havia um lobo à solta. O Pedro repetiu esta partida uma, duas vezes. Os aldeões não gostaram nada da atitude do Pedro e avisaram-no para não mentir. E, a partir daí, Pedro passou a ser conhecido como 'Pedro, o Mentiroso'.

- O teu trabalho é cuidar do rebanho, não é andar por aí a dizer mentiras! - dizia-lhe a mãe.

- Mas o meu trabalho é aborrecido, mãe! Nunca acontece nada de novo! As ovelhas estão sempre bem, aposto que nem sequer há lobos na zona! Isso é que é uma mentira bem contada! - respondeu o Pedro, choramingando.

- Pedro, cuidado com o que dizes. Os lobos existem e são perigosos para as nossas ovelhas. Temos de as proteger. O teu trabalho é muito importante. Quem poderia fazer este trabalho melhor do que tu?

No dia seguinte, Pedro pensou nas palavras que a mãe lhe tinha dito.

- Quem é que pode fazer este trabalho melhor do que eu? E foi nesse momento de grande reflexão que Pedro teve uma excelente ideia. E se, para além dele, toda a aldeia contribuísse para tomar conta do rebanho?

- Tive uma ideia brilhante! - Mas preciso da vossa ajuda. O Pedro explicou que precisava que a mãe convocasse uma assembleia urgente de todos os habitantes da aldeia para lhes explicar a sua brilhante ideia.

- Porque é que não o fazes? - perguntou a mãe.

- Se eu a convocar, ninguém vai acreditar em mim. Mas todos confiam em ti. Por favor, mãe, preciso que faças isto por mim.

A mãe concordou, avisando-o:

- É bom que seja uma ideia brilhante! Não quero mentiras aqui.

O Pedro prometeu-lhe que não se ia arrepender e a mãe decidiu convocar uma assembleia urgente.

No dia seguinte, todos estavam à espera de ouvir esta ideia brilhante. Foi quando viram o Pedro que começaram a gritar:

- Olha, vem aí o Mentiroso!

- Que mentira é que vais contar agora?

- Vim aqui para perder o meu tempo a ouvir um Mentiroso?

Os aldeões arfavam e estavam perturbados. Perante esta situação, Pedro ficou muito ansioso e quis desistir de tudo.

- Mãe, estou a desistir, ninguém me quer ouvir. Toda a gente pensa que sou um mentiroso e nada mais.

A mãe abraça-o com ternura e diz-lhe

- Meu amor, pensaste que tinhas uma ideia brilhante. Confia em ti e atira-te aos lobos!

O Pedro olhou para ela confuso.

- Que lobos, mãe?

- É uma forma de expressão! Os lobos são todas as pessoas que duvidam de ti! São como os lobos, querem comer-te vivo. Mas tu não o vais permitir e vais apresentar a tua ideia brilhante com orgulho. Se correr mal, eu estarei aqui para te abraçar.

Pedro enxugou as lágrimas, abriu o peito e dirigiu-se à multidão.

- Caros aldeões, obrigado por estarem aqui hoje. Reuni-vos porque quero apresentar-vos uma ideia. Como sabem, tenho estado a cuidar do nosso rebanho. Mas sou jovem e às vezes aborreço-me. E foi esse tédio que me levou a mentir-vos, não porque vos quisesse magoar, mas porque me queria divertir.

Sei que não foi correto e que vos assustei, por isso castigaram-me chamando-me "Pedro, o Mentiroso". Mas eu não quero ser conhecido apenas como "o mentiroso". Quero ser conhecido como "o alegre", "o fiável", "o sonhador". Quero que a minha história seja mais do que esse acontecimento infeliz. No outro dia, a minha mãe perguntou-me quem poderia fazer o trabalho de guardar o rebanho melhor do que eu e a minha resposta foi: "E se todos o fizéssemos?"

- Todos nós? - perguntou alguém da plateia - Mas como é que todos o poderíamos fazer?

- É aí que entra a minha brilhante ideia. Basicamente, seria um sistema de vigilância colectiva. Em vez de eu fazer todo o trabalho sozinho, trabalharíamos por turnos.

- E quem é que vai dizer que queremos esse trabalho, Pedro?

A multidão concordou. Ninguém queria fazer aquele trabalho, e o Pedro fazia-o tão bem que não precisavam de mais gente.

- Proteger a nossa aldeia é importante, eu sei. É muito importante para mim. Mas há outras coisas que são importantes para mim, como perseguir os meus sonhos. Se revezássemos, eu teria tempo para fazer outras coisas.

- Que coisas? - perguntaram-lhe.

- Por exemplo, poderia organizar passeios seguros pela floresta, onde se ensinaria às pessoas como preservar a natureza e o ecossistema. Ou conceber um sistema que nos protegesse a nós, mas também aos lobos. Não nos podemos esquecer que eles também são seres vivos, não merecem ser mortos só porque se aproximam das nossas ovelhas. Eles aproximam-se do rebanho porque querem comer. Que meios podemos nós, humanos, inventar para que eles possam sobreviver tanto quanto nós?

A multidão ficou comovida com as palavras de Pedro. Nunca tinham pensado nos lobos como seres vivos, apenas como predadores. A partir desse dia, começou o sistema de vigilância colectiva, em que toda a comunidade trabalhava em conjunto, mantendo sempre um equilíbrio entre a natureza e as suas vidas humanas. Quando queriam afugentar os lobos, em vez de os matarem, usavam outros métodos, como produzir sons altos ou luzes. Mas durante a noite, enquanto dormiam, deixavam-nos explorar a aldeia, deixando-lhes restos de comida em sítios específicos para que se pudessem alimentar sem comer a manada toda. Perceberam que podiam trabalhar de forma diferente, em conjunto, de uma forma mais sustentável.

- Pedro, o comunitário! Pedro, o sustentável! Pedro, o amigo dos animais e da natureza! - diziam.

E nunca mais o Pedro foi conhecido como "o Mentiroso".



## “Pequenina”

Era uma vez uma mulher que desejava muito ter um filho pequeno, mas não conseguia realizar o seu desejo. Por fim, foi ter com uma fada e disse: “Gostava de ter um filho; podes dizer-me onde posso encontrar um?”

Oh, isso pode ser feito facilmente, disse a fada. Aqui está uma espiga de cevada diferente das que crescem nos campos dos agricultores e que as galinhas comem; põe-na num vaso de flores e vê o que acontece.

Obrigada, disse a mulher, e deu à fada doze xelins, que era o preço do espinheiro. Depois foi para casa, plantou-o e imediatamente cresceu uma flor grande e bonita, parecida com uma tulipa, mas com as folhas bem fechadas, como se ainda fosse um botão.

É uma bela flor, disse a mulher, e beijou as folhas vermelhas e douradas e, enquanto o fazia, a flor abriu-se e ela pôde ver que era uma verdadeira tulipa. No interior da flor, sobre os estames de veludo verde, estava sentada uma pequena donzela muito delicada e graciosa. Tinha apenas metade do comprimento de um polegar, e ela deu-lhe o nome de Thumbelina, ou Minúscula, por ser tão pequena. O seu berço era uma casca de noz, elegantemente polida, e a sua cama era feita de folhas de violeta azul, com uma folha de rosa como contracapa.

Ali dormia à noite, mas durante o dia entretinha-se numa mesa, onde a mulher tinha colocado um prato cheio de água. Sobre ele flutuava uma grande folha de tulipa, que servia a Tiny de barco. Aí a menina sentou-se e remou de um lado para o outro, com dois remos feitos de crina de cavalo branca. Era realmente um espetáculo muito bonito.

Uma noite, enquanto a menina dormia na casca da noz, um sapo entrou na casa através do vidro partido da janela. Assim que viu a Tiny, murmurou: “Esta linda menina será a esposa ideal para o meu filho”. Então, pegou na casca da noz com a Tiny, saltou para o jardim e partiu para o rio onde vivia com o filho, que era tão feio como ela.

“Quax, quax.” disse o sapo jovem, contente por ver a menina dentro da casca da noz. “Não grites e não a acordes”. A mãe ralhou com ele. “Vou pô-la no nenúfar mais afastado para que não possa fugir.” Quando a Tiny acordou e viu onde estava, começou a chorar. E o pior de tudo é que, nesse momento, apareceu uma rã com o seu sapinho nojento. “Este é o meu filho, que em breve será o teu marido, e vamos preparar a tua casa. Disse ele à menina. Depois os dois foram-se embora e a Pequena ficou sozinha e desesperada. Nessa altura, uma borboleta branca foi e ficou em cima do nenúfar. Então a Pequena encontrou a oportunidade de fugir. Tirou o seu cinto e atou uma ponta ao corpo da borboleta e a outra ao nenúfar. Assim, começou a nadar rapidamente pelo rio. Nesse preciso momento, um grande babuíno voou sobre ela.



Fascinado pela sua beleza, agarrou-a e levantou-a. A borboleta amarrada com o cinto continua a arrastar o nenúfar. “Que pena! exclamou Tiny. “O que mais me entristece é que a pobre borboleta não vai conseguir libertar-se do nenúfar. Mas o babuíno não pareceu comover-se. Deixou a Tiny num ramo da árvore onde ela vivia e sentou-se ao lado dela.

Pouco depois, chegaram outros babuínos que viviam ali. As fêmeas, loucas de ciúmes, olhavam-na com desprezo. Algumas comentavam: “Mmmm toma lá com calma, linda!”

“Olha que não tem antenas nem asas. Ela não pode voar!” Embora o babuíno ainda estivesse apaixonado pela bela Tiny, pensou que não podia viver com uma mulher que era desprezada por todos os seus pares. Por isso, tirou-a da árvore e deixou-a numa rosa.

A pobre Tiny passou todo o verão na floresta, tendo como única companhia o chilrear dos pássaros. Mas quando chegou o outono, todos os pássaros fugiram para lugares mais quentes e o Tiny ficou sozinho no fim, a congelar de frio! Num dia gelado, partiu em busca de abrigo. A certa altura, chegou a uma casa de ratos. Assim que viu a pobre rapariga com frio e fome, disse-lhe: “Podes ficar aqui durante o inverno. Eu dou-te comida e, em troca, limpas a minha casa e contas-me histórias”. A Pequena gostou muito deste acordo e começou imediatamente a limpar a casinha. Nessa mesma noite, o Sr. Toupeira foi convidado para jantar.



Depois da refeição, a Pequena começou a contar histórias bonitas com a sua voz rouca. Assim que a toupeira a ouviu, apaixonou-se por ela. Querendo voltar a ver aquela criatura majestosa o mais depressa possível, convidou-os a visitá-lo para retribuir a sua hospitalidade. As visitas à toca da toupeira tornaram-se cada vez mais frequentes. As duas casas comunicavam entre si através de um longo e estreito corredor. Um dia, Tiny viu ali uma andorinha sem vida. Entristecida, acariciou-a e beijou-a. Depois, o passarinho voltou à vida com o calor do seu abraço e o seu hálito quente. Durante todas as noites daquele inverno frio, o Tiny cuidou da andorinha, levando-lhe comida quente e cobertores. Tratou-o com tanto carinho e amor que, quando chegou a primavera, o passarinho quis retribuir a Tiny o bem que ela lhe tinha feito. Então ele disse-lhe: "Vem comigo. Vou levar-te para um lugar maravilhoso onde serás verdadeiramente feliz".

"Não posso. Não quero aborrecer o rato e a toupeira. Eles são tão bons para mim". Respondeu a Pequena e a andorinha despediu-se dela e voou para longe. A primavera chegou e encheu as planícies de flores e fragrâncias. Um dia, quando a Pequena estava a apanhar sol à porta da casinha, o rato aproximou-se dela e disse "Pequena, a toupeira pediu-me a tua mão em casamento e eu pensei que ele seria um bom marido para ti. Agora, na primavera e no verão, quando os dias são longos, podes fazer os teus dotes. Quando os tiveres prontos, fazemos o casamento". Pequena sorriu educadamente, mas por dentro sentia-se péssima. Não queria de todo casar com a toupeira, mas obedeceu e começou a tricotar, tecer e coser os seus dotes.

Assim que o outono chegou, o rato marcou a data do seu casamento. A Tiny, com lágrimas nos olhos, foi lá para fora despedir-se do sol. Dentro de poucos dias não voltaria a ver o sol, pois viveria para sempre com o seu marido debaixo da terra. No meio dos seus soluços, porém, ouviu um som familiar:

“Pára, pára!” Era a andorinha. Assim que viu a sua amiga a chorar, voou até ela e perguntou-lhe: “O que é que se passa, Pequenina, porque é que estás triste?”  
“Estou triste, porque amanhã vou casar com a toupeira e nunca mais vou ver a luz do dia...”

“Então porque não vens comigo?” Ofereceu-lhe a andorinha. “O inverno está a chegar e eu vou partir para lugares mais quentes. Anda!” Tiny não precisa de pensar. Aceitou de imediato a proposta do seu amigo e subiu imediatamente para as costas dele.

Viajaram durante dias e dias até chegarem a um sítio onde o sol brilhava intensamente. A andorinha voou para uma bela floresta junto a um lago azul. Aí desceu e deixou o Tiny no cálice de uma flor.

Então, que surpresa! No mesmo sítio, um homenzinho de pele clara como cristal estava sentado confortavelmente, com uma coroa dourada na cabeça. Não era maior do que Tiny e ela sentiu que era a criatura mais bonita que alguma vez tinha visto. Esta pequena criatura era um príncipezinho. Mas também ele estava tão fascinado pela Pequena que se apaixonou imediatamente por ela. “Eu sou o príncipe das flores”, disse-lhe ele.

“Queres ser minha mulher?” Ao ouvir estas palavras, Tiny pergunta-se se haverá algo mais na sua vida do que simplesmente tornar-se uma rainha. À noite, enquanto passeia por um prado luminoso, encontra uma borboleta antiga com asas cintilantes. A borboleta conta-lhe um segredo: ela não é apenas uma pequena humana, mas uma criança da terra, com o poder de crescer quando compreende verdadeiramente o seu propósito.

Curiosa, a Pequenina decide regressar à mulher bondosa que um dia cuidou dela. Com a ajuda das suas amigas fadas, monta nas costas da borboleta até chegar à sua antiga casa. A mulher, agora mais velha mas ainda bondosa, desfaz-se em lágrimas de alegria ao vê-la de novo.

Quando Tiny entra no jardim, sente um calor a espalhar-se pelo seu corpo. Lentamente, começa a crescer - não demasiado grande, mas com o tamanho certo para viver confortavelmente tanto no mundo dos humanos como no das fadas. As fadas oferecem-lhe sementes encantadas, que ela planta, criando um belo jardim onde animais perdidos e criaturas necessitadas podem encontrar abrigo. Pássaros, ratos e até um escaravelho solitário encontram um lugar onde são seguros e aceites.

Em vez de se casar, Tiny escolhe uma vida de aventura. Viaja por todo o mundo, curando pássaros feridos, ajudando flores a florescer em terras áridas e ensinando bondade a todos os que se cruzam no seu caminho.

E assim, a Pequenina já não é apenas uma menina que anseia por um lar - torna-se uma lenda, uma guardiã da natureza e uma amiga de todos os seres vivos.

# “Os reflexos da Henriqueta”

## Os reflexos esquecidos

Era uma vez um jardim zoológico abandonado onde viviam vários reflexos de animais.

Estes animais, outrora brilhantes e felizes, com o seu pelo brilhante e garras afiadas, estavam agora tristes, cinzentos, relegados para o esquecimento do mundo.

Ninguém no mundo se lembrava deles. Os seus nomes tinham sido esquecidos, as suas características desvalorizadas. A tristeza dos animais era tal que nem eles próprios se lembravam de quem eram, qual era a sua identidade, a sua história, a sua família. Viviam em constante dúvida, na esperança de voltar a viver dias felizes naquele zoo.

Um dia, o leão chefe do zoo decidiu que não iria continuar a viver naquela tristeza.

- Não posso continuar a viver assim - pensou o leão chefe - tenho de encontrar uma solução. Mereço ser feliz.

O seu plano começou por reunir todos os animais do zoo para encontrar uma solução. Preparou um comunicado que dizia

O leão chefe deste jardim zoológico está a convocar animais de todas as cores, formas, tamanhos e culturas para uma reunião à hora do almoço no lago do jardim. O tema principal será: procura-se a felicidade! Haverá refeições ligeiras para os mais esfomeados.

O leão, apesar de ser o chefe dos leões, estava muito nervoso. Nunca tinha feito nada como isto antes. Não sabia se conseguiria organizar uma reunião com tantos animais diferentes, nem como os iria convencer a encontrar uma solução para a felicidade. O leão-chefe debateu-se com este enigma enquanto preparava uns rolos de ervas para servirem de petiscos para a reunião. Enche-se de comida e dirige-se para o lago do jardim. Assim que chegou ao pequeno lago, viu o seu reflexo.

- Olha, sou eu! - exclamou o leão.

O seu reflexo recordou-lhe a sua bravura e a sua coragem, características dignas de um chefe leão. Da sua juba brilhante e do seu rugido estrondoso, capaz de fazer parar uma multidão inteira. Ao ver o seu reflexo, disse para si próprio: Chefe leão, não duvides de ti, tu és capaz!

À hora do almoço, os animais começaram a chegar. Alguns estavam visivelmente nervosos, outros entusiasmados.

- Vamos lá começar esta reunião, ainda tenho uma sesta para fazer! - gritou a Preguiça.

- E eu tenho de saltar para cima de umas árvores! - disse o macaco.

- Tenham paciência e vamos ouvir o leão chefe! - exclamou a zebra.

O leão estava nervoso, mas tomou coragem para enfrentar a multidão.

- Amigos animais, o nosso jardim zoológico está abandonado. Fomos relegados para o esquecimento. Não vos reconheço assim, tristes e cinzentos. Temos de recuperar a nossa alegria individual, lembrarmo-nos de quem somos e eu tenho um plano.

Os animais estavam entusiasmados, tinham compreendido a tarefa e começaram todos a gritar as características que viam.

- Estou a ver olhos grandes e brilhantes! - exclamou a coruja.

- Sou um bocado preguiçoso para olhar.... Eu vejo olhos sonolentos! - disse a preguiça.

Os animais riram-se e o chefe dos leões ficou cada vez mais nervoso. Queria controlar a multidão, mas não sabia como, sem soltar o seu rugido aterrador. O macaco, o mais sábio dos animais, vendo o seu amigo em tal desespero, decidiu intervir.

- Meus caros amigos, vocês estão bem. O que dizem que observam são coisas que fazem parte das vossas características. Mas acho que o nosso amigo leão fez uma proposta mais profunda. Ele quer que vocês digam o que vêem no fundo da vossa alma.

- A nossa alma? - perguntou a borboleta.

- Sim, da tua alma. - Eu, por exemplo, olho para o meu reflexo e vejo audácia, mas também cautela. Vejo a sabedoria de saltar de árvore em árvore. E reconheço a minha inteligência em compreender-te, mas também na minha capacidade de pregar partidas.

Os animais ficaram em silêncio. Perceberam que o que o leão-cabeça estava a propor era mais profundo do que uma simples brincadeira.

A coruja, ainda a pensar, decidiu arriscar: Vejo a minha coragem de me lançar em altos voos, a minha velocidade e a minha visão muito apurada que me permite ver inimigos e amigos!

- Estou a ver... a minha sociabilidade e o meu afeto! - disse a zebra.

- Tenho um coração muito especial! Tenho espaço para todos vós, mas se me irritarem, a minha dentada pode libertar a minha raiva! - disse o crocodilo.

- Eu, por outro lado, tenho muitos olhos e consigo ver o que é invisível para vós. Tenho uma intuição natural e uma atenção redobrada ao perigo! - disse a borboleta.

- É tu, preguiça? - perguntou o leão.

- Eu? Sou demasiado preguiçoso para olhar para o meu reflexo... No fundo, sou uma preguiça!

Os animais riram-se e concordaram. Agora que todos conseguiam ver os seus reflexos, era altura de compreender o plano do leão.

- E agora, leão, fizeste-nos olhar para dentro de nós próprios... mas o que é que fazemos com todas estas características? - perguntou a zebra.

- Agora, meus caros amigos, temos de libertar estas características para o mundo! Mesmo ao lado deste jardim zoológico, há uma escola para pequenos humanos. Tenho estado a observar as suas rotinas e movimentos, e nem sempre parecem felizes. Andam muitas vezes com a cabeça entre as pernas, escondidos e sem vontade de brincar. Lembrei-me que... podíamos emprestar-lhes os nossos reflexos! Dar-lhes bravura quando necessário, coragem nos dias mais difíceis, travessuras para apimentar as suas brincadeiras ou prudência nos momentos de perigo. Todos nós temos características diferentes. Porque não usá-las para ajudar aqueles que mais precisam?

Os animais ficaram pensativos.

- Mas leão, eu sou um velhote! Não tenho energia para pequenos humanos! Não sei se sou capaz de levar a cabo esta tarefa! - inquietou-se o crocodilo.

- Também já pensei nisso! Não temos de ir todos ter com os pequenos humanos. Também podemos ajudar os grandes! E ajudá-los a ver os reflexos dos mais pequenos, e ajudar os mais pequenos a ver os reflexos dos mais grandes.

E o plano foi concebido. Os animais pareciam concordar com o plano do leão de procurar a felicidade fora daquele jardim zoológico abandonado. Afinal, também eles mereciam encontrar a felicidade.

- Então, por onde é que começamos? - perguntou o macaco.

O leão olhou para todos aqueles animais e soube que os tinha convencido. Juntos, voltariam a ser felizes.

- Agora temos de partir para o desconhecido e encontrar a pessoa que mais precisa e que vai dar vida ao nosso reflexo. Eu já encontrei a minha. Henriqueta.

- Henriqueta? - perguntou o macaco.

- Sim", continuou, "eu serei o reflexo desta rapariga que parece estar a chamar por mim, Henriqueta. E juntos aprenderemos a viver juntos.

Os animais partiram para o desconhecido em busca de alguém que pudesse dar vida ao seu reflexo. Porque assim reencontrariam a sua felicidade.

## “Sopa de Pedra”

Era uma vez, há muito tempo, uma grande fome. As pessoas acumulavam avidamente toda a comida que encontravam e até a escondiam dos seus amigos e vizinhos. Um dia, um vendedor ambulante chegou a uma aldeia com a sua carroça, vendeu algumas das suas mercadorias e começou a fazer perguntas aos aldeões, dando a impressão de que tencionava passar a noite ali.

“Não há uma única refeição em toda a zona”, disseram-lhe. “É melhor ires andando”.

“Oh, eu tenho tudo o que preciso”, disse o velho. “Na verdade, estava a pensar em fazer uma sopa de pedra e convidar-vos a todos a partilhar”. Com isso, tirou uma panela de ferro da sua carroça, encheu-a de água e acendeu o lume por baixo. Depois, tirou cerimoniosamente uma pedra simples da sua bolsa de veludo e colocou-a na água.

Por esta altura, a maioria dos aldeões já se tinha reunido na praça ou espreitava pelas janelas, pois tinham ouvido dizer que se estava a falar de comida. Quando o vendedor ambulante cheirou a “sopa” e lambeu os lábios em antecipação, a fome dos aldeões começou a ultrapassar a sua desconfiança.

“Ah”, disse o velho em voz alta para si próprio, “adoro uma sopa de pedra saborosa. Claro que a sopa de pedra sabe melhor quando toda a gente contribui com alguma coisa e comemos todos juntos”.

Pouco depois, um aldeão apressou-se a chegar, segurando uma couve que tinha escondido, e juntou-a à panela. “Maravilhoso”, gritou o velho. “A sopa precisa de cozinhar mais uma hora e depois todos são convidados a comer juntos”.

Quando as pessoas da aldeia ouviram isto, ficaram entusiasmadas com a ideia de se sentarem juntas e partilharem uma refeição.

Uma mulher idosa trouxe algumas cenouras para o velhote e disse: “Olha, encontrei isto. Achas que vão tornar a sopa de pedra ainda mais saborosa?” O velhote juntou-as alegremente à sopa.

O talhante da aldeia, vendo isto, não quis ficar de fora e trouxe um pedaço de carne para a sopa. E assim continuou, com batatas, cebolas, cogumelos e muitos outros ingredientes, até que se conseguiu uma refeição verdadeiramente deliciosa para todos.

Os aldeões ofereceram ao vendedor ambulante muito dinheiro pela sua pedra mágica, mas ele recusou e continuou o seu caminho no dia seguinte.

A partir daí, sempre que havia uma grande necessidade na aldeia, tornou-se uma tradição juntarem-se todos e cozinhar uma sopa. Com cada refeição partilhada, as dificuldades pareciam sempre um pouco menores.



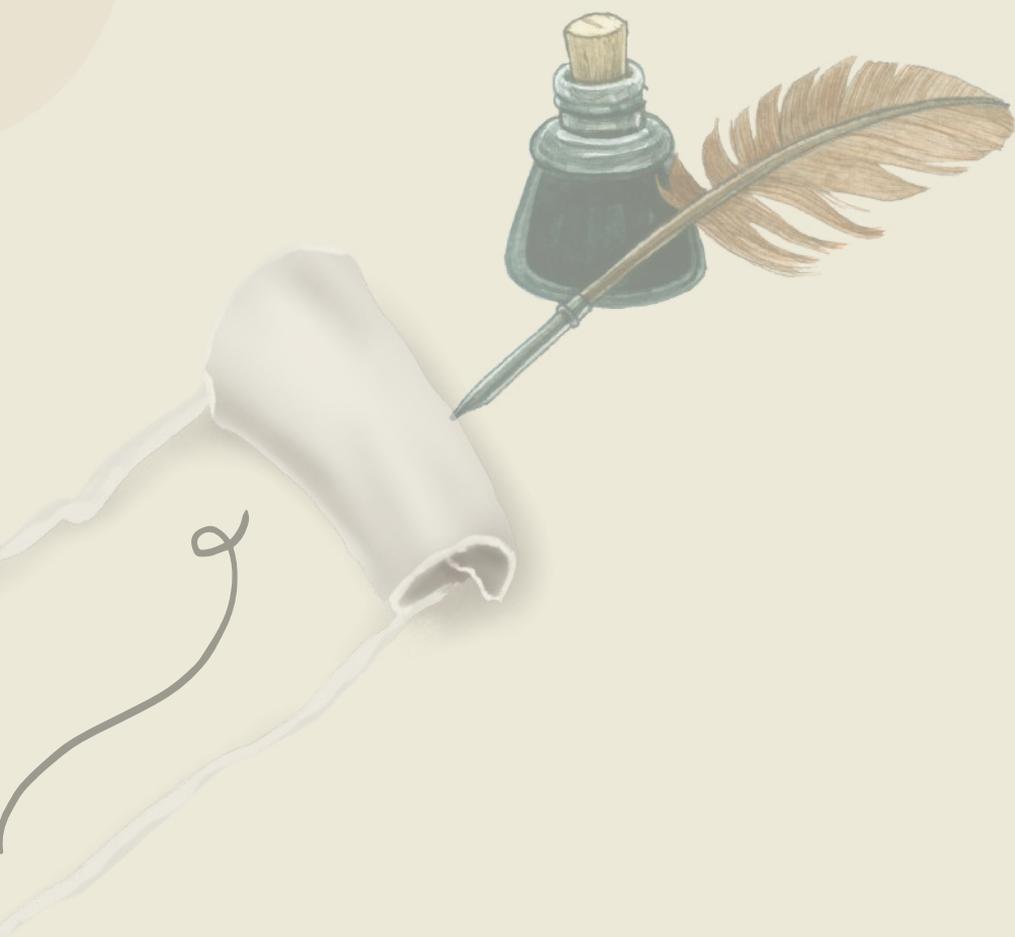
*“Teto de 30% para estrangeiros e  
amor...”*

Era uma vez um navio. No navio viajavam muitas pessoas. Quase todas elas não conseguiam parar de olhar com preocupação para o mar e sobretudo para o horizonte. Mas havia alguém entre eles que sabia sorrir e brincar. Eram o Hassan e o Said. Os dois tinham seis anos e conheciam-se desde que nasceram. Chamavam-lhes os pombinhos e nunca essa alcunha tinha sido tão adequada. Gostavam um do outro e gostavam de brincar juntos, só isso. Chegou o dia em que o mar acabou e puseram os pés em terra firme, em Itália. Os meses que se seguiram foram muito duros e os obstáculos que as duas crianças e os seus pais enfrentaram foram indescritíveis. No entanto, mesmo nesses momentos difíceis, Hassan e Said conseguiram encontrar uma forma de sorrir e de brincar. É a dádiva da natureza às crianças. Chama-se leveza e deve ser protegida a todo o custo. Os dois pais encontraram finalmente um lar. Não foram os únicos a encontrá-la. A fortuna, tal como o apartamento, era para ser partilhada com dez outros viajantes para toda a vida. Era assim que a avó Karima chamava aos homens que partiam para a Europa e Hassan e Said gostavam disso. Apesar do espaço reduzido da casa, as crianças não desiludiam e estavam quase sempre alegres. Depois chegou a altura da escola.

No primeiro dia, os pais estavam muito nervosos, tal como os filhos. Ir à escola era algo de extraordinário para a sua vida na estrada. Hassan e Said aperceberam-se de que mesmo a escola, apesar de ser um lugar construído especialmente para eles, poderia não ser fácil para nenhum deles. Eram viajantes para toda a vida mas, desde que chegaram ao nosso país, aperceberam-se de que havia muitas outras maneiras de os habitantes os chamarem e nenhuma delas era tão gratificante como a primeira. No entanto, penso que está agora estabelecido como a presença do outro era invencível para cada um deles. O destino, no entanto, pode ser traiçoeiro. “Lamento”, disse a professora, deixando entrar apenas Hassan, ‘só posso ter trinta por cento de estrangeiros na minha turma’. O pai de Said chamou-o, para o levar para a sala de aula, mas ele não se mexeu e ficou ali, imóvel, com a memória dos olhos assustados de Hassan fixos nos seus, enquanto a professora fechava a porta. Felizmente, o diretor da escola, que passava pelo corredor, viu a cena e perguntou aos rapazes o que se passava. Depois de os jovens lhe terem explicado a sua situação, o diretor concordou em arranjar-lhes uma nova turma para estarem juntos. No entanto, o diretor não ficou por aqui; pelo contrário, organizou um debate com os outros professores sobre o tema da imigração juvenil.



Deste debate surgiu uma associação para a proteção dos migrantes, cujo primeiro objetivo era anular a lei “sobre 30% dos estrangeiros”, uma petição proposta e aprovada no parlamento, que mudou a vida de jovens como Hassan e Said.





## “Um amigo”

Era uma vez dois irmãos. Garifalia e Dimitris. Estes dois irmãos pareciam gémeos. Infelizmente, não tinham amigos porque toda a gente pensava que eles eram malucos por causa da sua imaginação. Tinham 8 anos e eu não conheço nenhum outro miúdo que não fosse tão, tão aventureiro. Estavam fascinados com o espaço e um dia decidiram fazer uma viagem ousada. Pegaram no foguetão do tio, que era astronauta, e começaram por deixar uma carta aos pais. A carta dizia o seguinte

Caros pais,

Não se preocupem se não nos encontrarem. Não podemos dizer-vos agora onde estivemos, mas assim que regressarmos descreveremos tudo em pormenor. Vemo-nos daqui a alguns meses.

Com amor, os vossos filhos,

Garifalia e Dimitris

Quando os pais leram esta carta, ficaram muito tristes e ansiosos. Mas sabiam que os seus filhos iriam sobreviver graças à sua imaginação e ao seu gosto pela aventura. Como poderiam imaginar que os seus próprios filhos estavam a afastar-se da vasta (para eles) terra. Passado algum tempo, as crianças quase chegaram ao espaço. Estavam tão felizes que o tio lhes mostrou como funciona.

De facto, estavam orgulhosos por ele ter confiado neles e tê-los deixado a tratar de uma nave espacial! Quando aterraram, ficaram surpreendidos ao verem uma enorme pedra com um buraco bastante grande. Deram um passo em frente e ficaram sem palavras perante o que viram. Criaturas púrpuras, minúsculas e cheias de graça, puseram as suas cabecinhas de fora cheias de curiosidade e um pouco de medo. Garifalia e Dimitris aproximaram-se ainda mais. Então, para sua surpresa, os seres roxos e estranhos falaram! E não era só isso, também falavam grego! A língua das duas crianças! Então disseram-lhes:

- Vocês são muito boas crianças, nós sentimos isso!

- Muito obrigado! Eles responderam.

Depois, no meio do mato, vêem outro extraterrestre verde, desta vez sozinho. Vão discretamente e aproximam-se dele.

- Seu pequeno e engraçado extraterrestre! O que é que estás a fazer aqui sozinho? Vamos brincar lá fora juntos!

- Os outros extraterrestres não querem que eu brinque e fale com eles. É melhor eu ficar aqui.

- Mas porque é que eles não te querem? Tu és muito bom.

- Eu sou verde...

- E então?

- Eu sou diferente...

- Não há diferenças no espaço. Devias juntar-te a nós!

- Os outros extraterrestres não vêm às coisas assim.

- Não, isso não é verdade. Queres ser nosso amigo?

- Estão mesmo a falar a sério?

- Claro, nós também não temos amigos.

- Perfeito! Como é que vocês se chamam?

- Garifalia e Dimitris. E tu?

- Eu não tenho nome...

- Não faz mal. A partir de hoje, chamar-te-ás Bobbi!

- Nome perfeito, obrigado!

- Belo alienígena Bobbi!

Assim, com estas palavras, exploraram o planeta, tiraram fotografias e partiram para a sua casa na Terra.

Passados meses, as crianças foram ter com os pais, apresentaram-lhes a Bobbi e descreveram-lhes tudo ao pormenor, como tinham prometido na carta. Mas um dia, assim que acordaram, encontraram o resto dos extraterrestres no seu quarto. Os extraterrestres queriam ver o extraterrestre verde Bobbi e ser amigos. À sua ausência do espaço deixou-os infelizes e perceberam que não deviam ficar sozinhos sem ele no espaço.

Bobbi e os dois irmãos ficaram aliviados. Os pais ficaram muito satisfeitos por os filhos terem conseguido fazer novos amigos e unir os extraterrestres. Os extraterrestres decidiram regressar ao espaço depois de agradecerem a Garifalia, a Dimitris e aos seus pais a sua bondade.

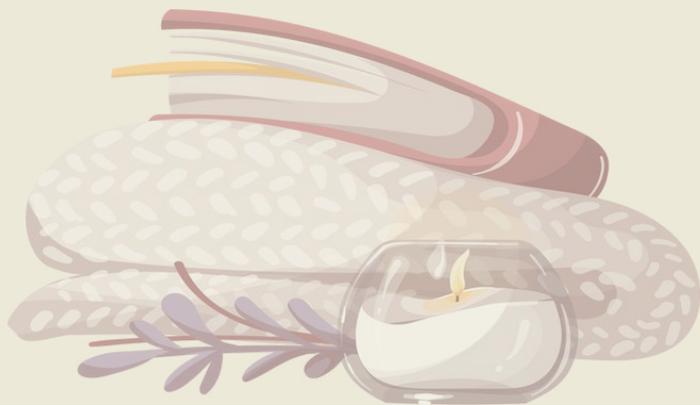


## *“Um cobertor de palavras”*

A tia costumava chamar-lhe “pinwheel”. Depois veio a guerra e a tia deixou de lhe chamar isso. Tinham ido para um novo país para ficarem em segurança, mas lá tudo era estranho: as pessoas, a comida, os animais e as plantas. Ninguém falava com a criança. Quando estava fora de casa, ninguém lhe falava e ela sentia-se como se estivesse debaixo de uma cascata de sons estranhos. Quando estava em casa, estava embrulhada num cobertor de palavras e sons que conhecia. Chamava-lhe o seu velho cobertor, que era quente, macio e a protegia. Sentia-se segura ali.

A rapariga arranjou coragem para sair de debaixo do cobertor e voltou a procurar o seu amigo. Pensou em fazer sinais para tentar comunicar, na esperança de se fazer entender. Quando se viram, a menina apontou para um carrossel no parque. A sua amiga compreendeu e começaram a brincar juntas. Entretanto, a tia aproximou-se dos pais da amiga, pensando que era uma boa ideia começar a conhecer pessoas novas. Ela também não conhecia a língua daquele país, mas sabia que, de alguma forma, o que estava a fazer poderia ajudá-la a ela e à sobrinha.

Ao brincar, a menina começou a aprender algumas palavras, mas ir à escola ajudou-a ainda mais. A outra criança também aprendeu algumas palavras da sua língua. No entanto, quando a escola começou, a menina sentiu-se observada pelas outras crianças. Sentia-se ainda mais sozinha. Havia aqueles que se aproximavam dela sem preconceitos, que a queriam envolver. Outros gozavam com ela por causa da sua forma de vestir e porque o seu nome soava estranho. Os professores encorajaram-na e decidiram inventar jogos para jogar na aula, mostrando um mapa: somos todos do mesmo mundo, somos todos diferentes. Ajudemos aqueles que vêm de outro país: um dia, o estrangeiro pode ser nós.



# *“Um conto de fadas sobre um rei alegre”*

Era uma vez um rei alegre. Ele vivia com a sua rainha e a sua filha num castelo magnífico. No centro do jardim do castelo havia uma fonte onde se sentavam divertidos anões de pedra. “A fonte é a melhor forma de preservar a cultura do nosso castelo”, explicava o administrador do castelo a todos os que por lá passavam. “Quando a água salpica as esculturas de pedra, parece que alguém se está a rir em todos os cantos do jardim! É por isso que lhe chamamos a 'Fonte da Felicidade'.”

O rei alegre e a sua família viveram felizes para sempre, até que um dia três gigantes malvados saíram da floresta e invadiram o jardim do castelo.

Estes gigantes eram vistos de longe porque nunca se tinham rido na vida. Os seus rostos eram tão sombrios que todos fugiram do castelo, incluindo o rei e a sua família. Correram o mais depressa que puderam para o outro lado do vale. Aí encontraram abrigo junto de um agricultor que tinha a sua quinta na encosta, onde o rei se sentou no muro do pátio e já não estava nada alegre. Durante dias, olhou para o castelo, onde agora viviam os gigantes. Como tinham destruído tudo, até o poço, o rei enviou os seus mensageiros para o campo.

“Quem derrotar o mais forte dos terríveis gigantes terá a minha filha como esposa!”, anunciou. O cavaleiro atravessou o vale a galope até ao castelo, gritando ferozmente, brandindo a espada e querendo atacar os gigantes. Mas o gigante mais forte limitou-se a esticar o braço enorme para fora da janela, arrancou o cavaleiro da sela como se fosse uma avelã e atirou-o num arco largo para o ribeiro. Aí, o cavaleiro esforçou-se por se levantar e coxeou de volta à quinta. “Infelizmente, não se pode lutar contra estes gigantes com uma espada”, diz ele.

“Se não for com a espada, então com a ciência!”, disse a princesa, e mandou chamar o professor Immerschlau e o seu assistente Cupidi. O professor acariciou a sua longa barba branca e fez uma cara séria e importante. Pouco depois, os dois estavam em frente ao castelo. Ambos tinham tirado os seus livros e, no momento em que preparavam o projetor, foram atingidos por um tremor de terra. O Covidiano tinha simplesmente batido no chão com a mão e os dois foram atirados para longe como dois gatinhos! “Se não com a espada nem com a ciência, então com a magia!”, disse a Rainha Amália, e mandou chamar o melhor feiticeiro de todo o país. O Mago Magnus apresentou-se perante o rei com o seu aprendiz Omnibus.

“Nada é tão eficaz como a magia do melhor feiticeiro do mundo!” disse Magnus. “Nenhum ser vivo pode resistir aos nossos poderes sobrenaturais”, confirmou o seu aprendiz. Quando chegaram ao castelo, o feiticeiro disse: “Então, Omnibus, desenha um círculo mágico redondo no chão.” “Sim, mestre!” O feiticeiro pôs-se lá dentro e começou a recitar os seus feitiços: “Lorem ipsum dolor sit amet - sed diam nonummy...” Mas o maior dos gigantes estava à janela do castelo, respirou fundo e soprou o feiticeiro para longe como uma pena, até que ele ficou preso na copa de uma árvore.

Quando desceu da árvore e voltou para junto do rei, ainda tinha uma cara séria e importante, mas teve de admitir: “Infelizmente, não se pode lutar contra estes gigantes com magia”. O rei ficou ainda mais triste. “Não tenho esperança de recuperar o meu castelo e a Fonte da Felicidade”, lamentou. Então, um dia, sentou-se novamente a chorar no muro do pátio e olhou para o castelo. Os gigantes atiravam-lhe à cabeça bolas de ouro, que tinham partido das delicadas torres, quando a jovem pastora Esperança passou a vaguear e perguntou “Estás com um ar tão triste! O que é que se passa contigo?” “Olha para ali”, disse o rei. “Então vais perceber. Os gigantes levaram o meu belo castelo e taparam a Fonte da Felicidade. E ninguém os consegue afastar!”

“A sério que ninguém?” perguntou a pastora. “Venham, vamos mostrar-lhes onde é que o Barthel vai buscar a mosto.” Ela riu-se tão alto que os gigantes do outro lado do vale pararam e olharam. “Como é que te podes rir quando eu tenho de estar tão triste?” perguntou o rei com amargura. “O que o meu melhor cavaleiro, o professor mais inteligente do país e o feiticeiro mais poderoso não conseguiram fazer, tu também não conseguirás!” “Só o tempo o dirá!” disse a pastora. “Mas eu teria de te pedir a ti e ao teu povo que fizessem tudo o que eu dissesse!” “Por mim tudo bem”, disse o rei com pouca esperança. “Então o que é que devemos fazer?” “Sejam felizes!” disse a pastora.

“Tão alegres quanto possível! Riam, cantem e dancem para que todo o vale o possa ouvir!” “Estão a pedir muito de nós”, disse o rei. Mas como não queria deixar pedra sobre pedra, ordenou à sua família e a toda a gente do castelo e até aos camponeses: “Riam, cantem e dancem!”

E ele liderava o caminho, rindo mais alto, cantando mais alegremente e dançando mais loucamente. Passado algum tempo, disse à sua mulher: “É engraçado. Eu só estava a fingir que estava alegre, mas este ‘fazer como se’ tira a tristeza do meu coração, e agora até estou a gostar de rir e cantar tão alegremente!”

Depois de um dia inteiro a festejar, a dançar e a rir, a pastora Esperança disse ao rei: “Olha agora para o castelo!” O rei parou de dançar por um momento e olhou para lá. Os gigantes ainda andavam a pisar o jardim do castelo, mas agora pareciam-lhe muito mais pequenos! Todos se riram ainda mais e, a cada gargalhada, os gigantes encolhiam-se ainda mais e encolhiam-se com medo. “Parem com isso, parem com isso, o riso dói tanto!” gritaram os gigantes.

Então o rei e a sua gente treparam o muro e toda a gente se riu cada vez mais alto dos homenzinhos engraçados do jardim. “São apenas um bando de anões mal-humorados a tentar esconder-se debaixo dos arbustos”, riu-se a princesa. “Parem!” gritou o rei entre gargalhadas. “Vai ao castelo buscar uma vassoura e uma pá”, disse ele à filha, “e varre esta gentalha!” Ela correu para o castelo e, quando voltou, os anões já eram tão pequenos que mal se podiam distinguir das joaninhas nas pétalas das rosas. Era tão engraçado que toda a gente teve de segurar o estômago o riso. Quando a princesa acabou de varrer, exclamou: “Ups, isso é só um bocadinho de pó levado pelo vento!”

E depois todos ajudaram a restaurar o castelo, o jardim e a fonte. Assim que a bela fonte voltou a balbuciar, o rei anunciou solenemente: "Pastora Esperança, prometi dar a minha filha em casamento àquele que nos salvar destes gigantes!" "Obrigada, querido rei", respondeu a pastora. "De acordo com o artigo 14º, nº 2 da Constituição, a coabitação legalmente regulamentada está aberta a todos os casais, independentemente do género ou da orientação sexual. Estou ansiosa por ver a vossa adorável filha!" E assim continuaram a viver felizes e contentes no castelo. No entanto, se mais tarde alguém fizesse uma cara demasiado séria, o rei dizia-lhe: "Alegra-te e ri um pouco! Pode ser que um gigante malvado esteja escondido debaixo da tua unha e esteja a começar a crescer de novo!"



## Licença gratuita

O produto aqui desenvolvido como parte do projeto Erasmus+ “Stories for empowerment 2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380” foi desenvolvido com o apoio da Comissão Europeia e reflete exclusivamente a opinião do autor. A Comissão Europeia não é responsável pelo conteúdo dos documentos.

A publicação obtém a licença Creative Commons CC BY- NC SA.



Esta licença permite-lhe distribuir, remisturar, melhorar e desenvolver a obra, mas apenas de forma não comercial. Ao utilizar a obra, bem como extractos da mesma, deve:

1. Ser mencionada a fonte e uma hiperligação para a licença, bem como eventuais alterações. Os direitos de autor permanecem com os autores dos documentos.
2. A obra não pode ser utilizada para fins comerciais.
3. Se recompor, converter ou desenvolver a obra, as suas contribuições devem ser publicadas ao abrigo da mesma licença que a original.

## Declaração de exoneração de responsabilidade

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e opiniões expressos são, no entanto, da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente os da União Europeia ou da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas pelas mesmas.